

# andarLHAgem n.º 5



**FICHA TÉCNICA**

**andarLHAgem**

www.azores.gov.pt

**Propriedade e edição:**

Presidência do Governo Regional dos Açores  
Secretário Regional da Presidência  
Direcção Regional das Comunidades

**Director:**

Rita Machado Dias

**Coordenação:**

Álamo Oliveira

**Redacção:**

Paulo Teves  
Raquel Rodrigues

**Tradução:**

Americonsulta

**Concepção gráfica:**

Rui Melo

**Impressão:**

Nova Gráfica

**Periodicidade:**

Semestral



Governo dos Açores

Presidência do Governo

**DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES**

**FAIAL**

Rua Cônsul Dabney

Colónia Alemã - Apartado 96

9900-014 HORTA

Telef.: (351) 292 208 100

Fax: (351) 292 391 854

**TERCEIRA**

Rua do Palácio, S/N

9700-143 ANGRA DO HEROÍSMO

Telef.: (351) 295 403 630

Fax: (351) 295 214 867

**SÃO MIGUEL**

Edifício Boavista, R/C Dt.º, 6B,

Grotinha

9500-782 PONTA DELGADA

Telef.: (351) 296 204 811

Fax: (351) 296 284 380

E-mail: [drc@azores.gov.pt](mailto:drc@azores.gov.pt)



## ÍNDICE

<b>VENTOS C/NOTÍCIAS ■</b>	<b>43</b>	
	<b>06</b>	Emigrantes, imigrantes e mercado de trabalho
Editorial	<b>07</b>	<b>46</b>
Direcção Regional das Comunidades		Emigrants, immigrants and the labor market
Factos do semestre	<b>10</b>	<i>Eduardo Ferreira</i>
Regional Department for the Communities		<b>48</b>
News for this six-month period	<b>17</b>	Como escrevemos o livro
Casa dos Açores do Algarve		“Portugueses no faroeste”
Historial breve	<b>21</b>	<b>52</b>
The Casa dos Açores in the Algarve		How we wrote the book
A brief history		«Land as far as the eye can see
<i>Ruben Santos</i>	<b>25</b>	– Portuguese in the Old West»
A Trajetória da Casa dos Açores		<i>Donald Warrin &amp; Geoffrey L. Gomes</i>
do Rio de Janeiro		
e suas perspectivas para o futuro	<b>30</b>	
Background and future prospects		
of the Casa dos Açores in Rio de Janeiro		
<i>Judite Evangelho</i>		
<b>MARÉS DE TODOS OS MARES ■</b>		<b>■ ALGAS SONHOS TRANSPARÊNCIAS</b>
	<b>36</b>	
Portal das Comunidades Açorianas		<b>57</b>
Azorean Community website	<b>40</b>	Fado
<i>Gilberta Pavão Nunes Rocha</i>		<b>58</b>
		O Lago
		<i>Humberta Araújo</i>
		<b>61</b>
		Joel Furtado – artista plástico
		<b>66</b>
		José Luís Silva – poeta
		<b>67</b>
		No Silicon Valley
		Peregrinações
		<b>68</b>
		Essa casa
		De tudo a pedra
		No meu quintal
		<b>69</b>
		A window to the sea
		<i>José Luís Silva</i>



# ventos c/ noticias





## EDITORIAL

AndarILHAgem é um projecto em continuação, destinado a ocupar os espaços específicos da formação e da informação. Partiu da iniciativa da anterior titular da Direcção Regional das Comunidades – Doutora Alzira Silva –, no reconhecimento da importância que há em dotar os espaços da diáspora açoriana com uma publicação que cumpra propósitos de unidade e universalidade. A partilha de ideias e de conhecimentos tem ficado registada em cada número desta revista que, desde o princípio, conta com um grupo de colaboradores notável, que sempre se prontificam a concretizar este projecto com a sua ilimitada generosidade.

AndarILHAgem vai continuar como publicação semestral, prosseguindo com a mesma arrumação de conteúdos, não descurando o relevo que pretende continuar a dar à área das expressões artísticas. Após análise às sugestões que foram apresentadas, todos os textos, exceptuando os criativos, são publicados em português e inglês, solução óbvia para alargar o número de leitores. A ficha técnica apresenta, naturalmente, algumas alterações, que resultam das mudanças verificadas na direcção dos serviços que tutelam, na Região, os assuntos relacionados com as migrações.

AndarILHAgem vai, portanto, dar continuidade aos objectivos que se tem proposto, contando com a colaboração, sugestões e reparos que entendam apresentar.

AndarILHAgem is an ongoing project- and one that is designed to both educate and inform. It is the result of an initiative spearheaded by Dr. Alzira Silva, former head of the Regional Department for the Communities, who recognized the importance of providing the Azorean Diaspora with a publication aimed at achieving unity and universality. Exchanging ideas and sharing knowledge have been hallmarks of every issue we have put out; and each one has featured contributions by an outstanding group of collaborators who, with unbounded generosity, have contributed to bringing this effort to fruition.

AndarILHAgem will continue to be published on a bi-annual basis. Content will essentially be organized in the same way, with a focus still being placed on artistic initiatives. After carefully reviewing your suggestions, we have decided to print all of the content – with the exception of the creative pieces – in both Portuguese and English, a move we hope will broaden our readership. Our editorial line-up will also be somewhat different as a result of changes that have taken place in the administrative staff in charge of migrant affairs in the Region.

AndarILHAgem will therefore continue to pursue the goals it has set for itself, while publishing contributions and incorporating suggestions and observations that best reflect its aims.





## DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

### Factos do semestre

O Governo Regional dos Açores, na prossecução dos seus objectivos para a área das migrações, participou, no início de 2009, a análise do estudo sobre o emigrante regressado à Região, efectuada por especialistas da Universidade dos Açores.

Este estudo, realizado sob a forma de inquérito em todas as ilhas do Arquipélago, tem como objectivos: conhecer quantos são os emigrantes agora regressados aos Açores, quem são (idades, sexo, escolaridade), onde estiveram e onde residem; perceber as motivações da sua emigração e do seu regresso, bem como conhecer o seu processo de reintegração no país de origem.

Com este estudo, a Direcção Regional das Comunidades pretende traçar linhas futuras de apoio aos que regressam e acompanhar a sua reinserção.

2009 foi também o ano em que a Direcção Regional das Comunidades intensificou a sua acção na área do apoio jurídico e informação junto das comunidades de imigrantes nos Açores.

De igual modo, providenciará diversas sessões de esclarecimento, em todas as ilhas, sobre diversas temáticas, nomeadamente as relações laborais que envolvem imigrantes e as consequências decorrentes da não formalização do respectivo vínculo de trabalho, saúde, educação, entre outras.

Numa perspectiva de aproximação do cidadão à Administração Pública, a Direcção Regional das Comunidades iniciou, desde Março, o alargamento dos seus serviços de atendimento público aos concelhos de Nordeste e da Povoação, na ilha de S. Miguel.

Este serviço é prestado por técnicos deste departamento governamental, dispensando os utentes de longas deslocações a Ponta Delgada. A deslocação dos técnicos à Ilha de Santa Maria, foi também reforçada para duas visitas por ano.

Destinado a emigrantes, emigrantes regressados, candidatos a emigrantes e imigrantes, este serviço público de proximidade reflecte uma melhor adaptação

às especificidades geográficas do arquipélago e reforça a sua participação na promoção da integração, uma vez que, em 2008, efectuaram-se cerca de 30 mil atendimentos no conjunto das nove ilhas.

Numa deslocação ao Norte do país, a Directora Regional das Comunidades esteve presente no XXIX Aniversário da Casa dos Açores do Norte, tendo participado também no Encontro “Mulheres da Diáspora”, em Espinho, realizado pela «Mulher Migrante – Associação de Estudos, Cooperação e Solidariedade» em parceria com a Fundação Pro Dignitate, Universidade Aberta – Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais – CEMRI e Câmara Municipal de Espinho. Debater a presença e o papel das mulheres migrantes nas sociedades de origem e de acolhimento, foi o motivo principal da realização deste Encontro.

No mês de Março, mais precisamente no dia 21, comemorou-se o Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial. Com esta celebração, pretendeu-se sensibilizar a comunidade açoriana para a não discriminação, e necessidade de promoção/defesa dos direitos humanos e das liberdades fundamentais dos cidadãos, independentemente da sua origem, cor, credo, religião ou nacionalidade, de modo a que todos vivam com dignidade, numa situação de igualdade e paz.

Organizado pelas Direcções Regionais das Comunidades e da Igualdade de Oportunidades, objectivaram-se diversas iniciativas nas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial, através da concretização de um programa que incluiu tempos de reflexão e de entretenimento musical.

A exposição de fotografia “Olhares sem Fronteiras” foi inaugurada pelo presidente do Governo dos Açores nas Velas, ilha de São Jorge.

A mostra é o resultado de um concurso fotográfico realizado na Região no âmbito das comemorações do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, assinalado em 2008.

Este concurso foi organizado pela Direcção Regional das Comunidades, Associação dos Imigrantes nos Açores e Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores.

No mês de Abril, a Direcção Regional das Comunidades apoiou e participou no IV Encontro Açoriano da Lusofonia que decorreu entre 31 de Março e 4 de Abril, na Vila da Lagoa, em São Miguel.

Durante cinco dias, académicos, estudiosos, escritores e outros interessados debateram a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições, numa perspectiva de enriquecimento da lusofonia. Foi também decidido que o V Encontro Açoriano da Lusofonia vai decorrer, em 2010, na cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, Brasil.

A 5 de Abril foi inaugurado o Centro Cultural dos Açores (Ontário – Canadá), um espaço que reforçará a imagem dos Açores, e que aproximará os descendentes açorianos das suas origens.

Com este Centro, os seus fundadores pretendem contribuir para o enriquecimento e ampliação do parque cultural e recreativo luso-canadiano desta cidade.

A reunião dos membros do Portal Comunidades Açorianas.org decorreu na cidade da Horta e teve como objectivos a avaliação do projecto, bem como a redefinição e o estabelecimento de novas estratégias e conteúdos. Na iniciativa, estiveram presentes 17 docentes, investigadores e jornalistas oriundos dos Açores, Continente português, Estados Unidos, Canadá e Brasil.

No fim da reunião, foram definidas melhorias técnicas no portal, criado um conselho coordenador, e agendada uma reunião anual do conselho científico, bem como a realização de umas jornadas sobre emigração. De igual modo, foi decidido que a próxima reunião do Portal Comunidades Açorianas.org vai ser realizada em Abril de 2010, na cidade de Toronto – Canadá.

Ainda no mês de Abril, a Directora Regional das Comunidades deslocou-se ao Canadá a fim de participar nas comemorações do 33.º aniversário do Sport Club Lusitânia de Toronto e na Festa Açorianíssima – uma organização do Programa “Gente da Nossa TV”.

O Sport Club Lusitânia foi fundado a 9 de Abril de 1976, em Toronto, na Queen Street West (primeira sede),

tendo, seis meses mais tarde, mudado para a Ossington Ave (actual sede). Anualmente, esta associação organiza diversas actividades, privilegiando as tradições culturais açorianas.

Ao longo dos últimos anos a “Gente da Nossa TV” e a CPTV Productions têm organizado a Festa Açorianíssima, numa manifestação da cultura açoriana no Canadá. Esta festa tem permitido a divulgação das tradições culturais dos Açores em terras canadianas, através da música, arte e gastronomia.

No final do mês de Abril, iniciaram-se os cursos livres para imigrantes de Língua Portuguesa (iniciação), Língua Inglesa, Informática (iniciação) e Empreendedorismo, nas ilhas de São Miguel, Terceira, Pico e Faial.

187 indivíduos (divididos por 12 turmas) estão a beneficiar do conteúdo destes cursos, que pretendem possibilitar, aos imigrantes residentes na Região, o acompanhamento do desenvolvimento tecnológico e garantir o acesso a um maior leque de oportunidades de trabalho, contribuindo para uma melhor satisfação profissional, pessoal e familiar.

A Região Autónoma dos Açores passou a dispor de um Guia Informativo do Trabalhador para a Bermuda. Este Guia, lançado pelo Governo Regional dos Açores, pretende prestar, cada vez mais, um serviço eficiente aos cidadãos, promovendo a transparência e qualidade, aliada ao facto de o utente obter, apenas num serviço, todas as informações necessárias para a abertura, desenvolvimento e conclusão do seu processo de emigração para a Bermuda.

Apesar de ser da responsabilidade do cidadão obter o contrato de trabalho naquele arquipélago, a Direcção Regional das Comunidades também desenvolve um papel auxiliar nas questões burocráticas, orientando e servindo de intermediário entre o trabalhador e o Departamento de Imigração na Bermuda.

Neste guia constam informações gerais sobre a Bermuda, regras e critérios existentes para quem emigra por motivos de trabalho, as competências da DRC neste processo, alguns conselhos antes de viajar, outras informações sobre o quotidiano na Bermuda e contactos úteis.

O projecto “Cozinhando a vida”, dirigido aos utentes



inseridos nas instituições integradas na RAICES (Rede de Apoio Integrado ao Cidadão em Exclusão Social), da ilha Terceira, teve o apoio da Direcção Regional das Comunidades e a parceria de outras instituições, nomeadamente Cozinha Económica Angrense, Casa de Saúde de Espírito Santo, UMAR, Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória e Instituto de Acção Social.

Este projecto tem como principal objectivo, a construção de um curso de formação com um corpo teórico-prático, que dote estes mesmos indivíduos de um conjunto de competências pessoais e sociais, aplicadas à área da domesticidade e tudo o que concerne para uma melhor e mais eficaz reinserção social.

Torna-se importante referir que este projecto aparece no contexto de um trabalho sistémico e de colaboração que vem sendo feito no âmbito da Rede de Apoio Integrado ao Cidadão em Exclusão Social (RAICES).

O Presidente do Governo Regional visitou os Estados Unidos e o Canadá, onde, para além de ter participado nas comemorações do Dia dos Açores, na cidade de Toronto, cumpriu um programa de contactos com instituições e entidades políticas, bem como com associações representativas das respectivas comunidades de emigrantes, residentes no Estado de Rhode Island (EUA), Winnipeg e Toronto (Canadá).

Em Rhode Island, para além da visita a diversas instituições culturais e académicas, foi assinado um acordo de cooperação entre a Região Autónoma dos Açores e o Estado de Rhode Island. Assinado pelo Presidente do Governo Regional dos Açores e pelo Governador do Estado de Rhode Island, este acordo permitirá desenvolver formas de colaboração, intercâmbios e projectos em diversas áreas.

O acordo reforça ainda a imagem dos Açores e dos açorianos residentes naquele estado e homenageia os primeiros emigrantes açorianos que partiram em 1850 para Rhode Island, onde desempenharam um papel fulcral em áreas como a indústria baleeira, a indústria têxtil, a agricultura, entre outras, e que, graças ao seu árduo trabalho e engenho, criaram importantes indústrias, contribuindo para o desenvolvimento deste estado.

Já na província de Manitoba, Canadá, foi acertada a celebração, em data oportuna, de um acordo de

cooperação semelhante aos existentes entre a região e os estados norte-americanos da Califórnia, de Massachusetts e de Rhode Island.

A decisão – tomada em Winnipeg no decorrer de um encontro entre o *Premier* de Manitoba, Gary Doer, e o Presidente do Governo dos Açores – vai tornar mais perene e consolidar as relações entre a Região Autónoma dos Açores e os estados onde existe uma presença forte de comunidades açorianas.

A cidade de Toronto, onde reside uma vasta comunidade açoriana, acolheu no dia 31 de Maio à tarde, em celebração antecipada, a sessão solene do Dia dos Açores, que ocorre no dia 1 de Junho.

Depois de ter sido celebrada em Fall River, nos Estados Unidos, em 2001, foi a segunda vez que a comemoração do Dia dos Açores, instituído em 1980, teve lugar no estrangeiro.

Durante a sessão solene de domingo, que contou com a presença dos Presidentes da Assembleia Legislativa e do Governo dos Açores, foram entregues insígnias autonómicas de Valor (Fernando Menezes); de Reconhecimento (Machado Pires, Vasco Garcia, Medeiros Ferreira, Costa Neves e os políticos de ascendência açoriana Mário Silva, Dennis Cardoza, Devin Nunes e Jim Costa); de Mérito (Casas dos Açores de Winnipeg, de Ontário e do Quebeque, Banda de Música Militar dos Açores, Fayal Sport Club, COFACO, SA e Sociedade Corretora, Lda. – pessoas colectivas; individuais: João de Melo, Jorge Vicente, Cónego José de Lima, Padre Eugénio Coelho Rita (a título póstumo), Maria Leónia Pereira, António Manuel da Silva Melo, Elvino Silveira de Sousa, José Carlos Moniz Teixeira, Irene Maria Ferreira Blayer, Frank Fontes Sousa, José Francisco Costa, Onésimo Teotónio Almeida, Carlos Pacheco Andrade, David Nicodemos Tavares, e, a título póstumo, Gilberto Mariano da Silva e Francisco Pessanha; de Dedicção (Conceição Castro Ramos, José Carreiro de Almeida e Luís de Brito Azevedo).

Esta deslocação visou, sobretudo, homenagear os açorianos que, deslocados dos Açores, conservam a sua açorianidade e a sua sensibilidade para os valores culturais que integram a identidade açoriana e que também prestigiam os Açores com o seu trabalho, alargando e promovendo o desenvolvimento económico e social nas comunidades em que estão inseridos.



## REGIONAL DEPARTMENT FOR THE COMMUNITIES

### News for this six-month period

In line with its objectives for the area of migration, in the beginning of 2009, the Regional Government of the Azores took part in a study on emigrants who have returned to the Region. The study, carried out by specialists from Azores University, was based on a survey taken on all the islands and was aimed at determining how many emigrants have returned to the Azores, who they are (ages, gender, level of education), where they were previously and where they reside now, their reasons for emigrating and returning, and how the process of re-acclimation to their country of birth has been going. With this study, the Regional Department for the Communities hopes to be able to draw guidelines for the future to support returnees and monitor their reintegration.

In 2009 the Regional Department for the Communities also stepped up initiatives to provide legal support and information to immigrant communities in the Azores. Awareness sessions have been planned for all the islands on a wide range of topics such as labor relations involving immigrants, the consequences of not having a legally binding work contract, health concerns, education and a host of other issues.

To foster a closer relationship between citizens and public administration, since March, the Regional Department for the Communities has been extending its range of public service centers to include the boroughs of Nordeste and Povoação on São Miguel Island. Specialized staff from this government department will be on hand to meet the public's needs, making it unnecessary for residents to travel long distances to Ponta Delgada. The visit of service staff to Santa Maria Island has also been increased to twice a year. Aimed at serving émigrés, returnee émigrés, those applying to return, and immigrants, this public service, designed to better meet the public's needs, is more adequately suited to the geographic specificities of the archipelago and represents a step forward in promoting integration seeing that - in 2008 alone - attendants dealt with close to 30 thousand cases throughout the nine islands.

In a visit to the North of Portugal, the director of the Regional Department for the Communities attended an event marking the 29th anniversary of the Casa dos Açores (the Azores Center) in northern Portugal. She also took part in "Women of the Diaspora", a meeting in Espinho held by Mulher Migrante – Associação de Estudos, Cooperação e Solidariedade (The Migrant Woman-Association for Research, Cooperation and Solidarity) in partnership with the Pro Dignitate Foundation, the Center for Migration Studies and Intercultural Relations of the Universidade Aberta (Open University), and the Espinho City Council. The main aim of the meeting was to discuss the presence and the role of women migrants within their native and host societies.

The 21<sup>st</sup> of March marked commemoration of the International Day for the Elimination of Racial Discrimination. The celebration was aimed at sensitizing the Azorean community to the need to eliminate discrimination and promote and defend human rights and the fundamental freedoms of citizens - regardless of their color, creed, religion or nationality - so that people everywhere can live with dignity in an environment of peace and equality. Organized by the Regional Department for the Communities and the Department for Equal Opportunities, a number of activities were held on the islands of São Miguel, Terceira and Faial; the program included time devoted to reflection and musical entertainment.

A photo exhibition entitled "Olhares sem Fronteiras" ("Looking beyond Borders") was inaugurated in Velas, São Jorge Island, by the president of the Azores Regional Government. The show was the outcome of a photography contest held in the Region as part of the commemorations of 2008 as the European Year for Intercultural Dialogue. The exhibition was organized by the Regional Department for the Communities, the Association of Immigrants in the Azores, and the Azorean Association of Amateur Photographers.

In April, the Regional Department for the Communities sponsored and took part in the 4<sup>th</sup> Azorean Meeting on Lusophone Language and Culture (IV Encontro Açoriano da Lusofonia) that took place from March 31 to April 4 in Vila da Lagoa, São Miguel. During the five days of the meeting, scholars, researchers, writers - and a host of others interested in the topic - discussed Azorean identity, Azorean writing and the archipelago's legends and traditions, with the aim of contributing to the enrichment of Lusophone language and culture. Participants at the meeting also decided to hold the 2010 Azorean Meeting on Lusophone Language and Culture in the city of Florianópolis in the State of Santa Catarina, Brazil.

The Azores Cultural Center in Ontario, Canada was inaugurated on April 5. In addition to contributing to the image of the Azores, the center will serve to bring Azorean descendants in closer contact with their roots. With this initiative, the founders of the center also aim to upgrade and increase the scope of Luso-Canadian cultural and recreational facilities in the city.

The members of the Portal Comunidades Açorianas.org initiative met in the city of Horta with the aim of evaluating the project and redefining and establishing new strategies and content for the website. Seventeen teachers, researchers, and journalists from the Azores, Mainland Portugal, the US, Canada, and Brazil attended the meeting. At the end of the meeting, members decided on the technical improvements to be made to the website, set up a steering committee, and scheduled an annual meeting of the scientific committee and a number of gatherings devoted to emigration. The decision was also made to hold the next meeting in April of 2010 in Toronto.

In the same month, the director of the Regional Department for the Communities visited Canada to take part in the 33<sup>rd</sup> anniversary commemorations of Toronto's Sport Club Lusitânia and the Festa Açorianíssima – spearheaded by the TV Program “Gente da Nossa TV”. The Sport Club Lusitânia was founded on April 9, 1976 in Toronto and had its first headquarters on Queen Street West. Six months later it moved to Ossington Ave., where its current headquarters are still located. Yearly

the association organizes a number of activities that highlight Azorean cultural traditions. Over the last few years, “Gente da Nossa TV” and CPTV Productions have organized the Festa Açorianíssima to showcase Azorean culture in Canada. The festivities, which highlight Azorean music, art and cuisine, have contributed to a greater understanding of Azorean cultural traditions in Canada.

At the end of April, free courses for immigrants in the Portuguese language (beginners), the English language (beginners), Computer Science (beginners) and Entrepreneurship were inaugurated on the islands of São Miguel, Terceira, Pico, and Faial. 187 participants (divided into 12 groups) are taking advantage of the courses aimed at helping immigrants in the Region keep abreast of technological developments while gaining access to greater job opportunities, thus contributing to greater fulfillment personally, professionally, and at the family level.

The Autonomous Region of the Azores is now making available an Informational Guide for Workers Going to Bermuda. The guide, put out by the Azores Regional Government, aims to provide citizens with an increasingly efficient, single comprehensive service - that promotes quality and transparency – and that allows all those interested to obtain complete information on how to initiate, follow through, and successfully conclude the process of emigrating to Bermuda. Although citizens themselves are responsible for securing a work contract for the Bermudas, the Regional Department for the Communities lends valuable assistance by helping potential emigrants comply with the bureaucracy, and by providing guidance and acting as an intermediary between the prospective emigrant and Bermuda's Immigration Department. The guide contains general information on Bermuda, rules and criteria for those emigrating for work purposes, a run-down of the RDC's role in the process, pre-travel advice, information on daily life in Bermuda, and a list of useful contacts.

The project dubbed “Cozinhando a Vida” (roughly “Recipe for Life”) targets those in Terceira Island's RAICES (Integrated Support Network for the Socially Excluded Citizen) institutions. The initiative has



received funding from the Regional Department for the Communities in partnership with other institutions such as the Cozinha Económica Angrense, Casa de Saúde de Espírito Santo, UMAR, Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória and the Instituto de Acção Social. The main aim of the initiative is to set up a training course with a theoretical-practical body of learning that will endow these individuals with a set of personal and social skills in the area of homemaking so that they can effectively rejoin mainstream society. It is important to underline that this particular initiative is part of a systemic, collaborative effort that is being carried out under the auspices of the Integrated Support Network for the Socially Excluded Citizen (RAICES).

The president of the Regional Government of the Azores visited Canada where he took part in the commemorations marking Azores Day in Toronto. He also visited institutions, and met with politicians and members of associations representing immigrant communities in Rhode Island (USA) and in Winnipeg and Toronto (Canada).

In Rhode Island, the head of the Regional Government visited a number of cultural and academic institutions and signed a cooperation agreement between the Autonomous Region of the Azores and the State of Rhode Island, which was also signed by Rhode Island's governor. The agreement is designed to foster cooperation, exchange programs, and projects in a number of fields. It will also serve to bolster the image of the Azores and Azoreans residing in the state while honoring the first Azorean émigrés who left for Rhode Island in 1850 and subsequently played a crucial role in the whaling and textile industries and in agriculture, among other endeavors. As a result of their hard work and skill, important industries were created that made a lasting contribution to the development of the state of Rhode Island.

In the Canadian province of Manitoba, an agreement was reached to sign a cooperation accord at an opportune time in the future. The accord between Manitoba and the Region would be along the same lines as the agreement signed between the Azores and the US states of California, Massachusetts, and Rhode Island. The decision was

taken in Winnipeg during a meeting between Gary Doer, Manitoba's premier, and the president of the Azores Government. The future document aims to consolidate and foster longer lasting ties between the Autonomous Region of the Azores and the provinces in which there are large Azorean communities.

The City of Toronto, home to a large Azorean community, held the formal ceremony to inaugurate Azores Day on May 31 in the evening - a day earlier than Azores Day itself, which is June 1. After its first celebration in Fall River, Massachusetts in 2001, this is the second time that Azores Day commemorations, instituted in 1980, have taken place abroad. Attending the formal inauguration ceremony on Sunday were the presidents of the Azores Legislative Assembly and Government. During the proceedings, an Autonomous Region Insignia of Valor was given to Fernando Menezes; and Insignias of Recognition to Machado Pires, Vasco Garcia, Medeiros Ferreira, Costa Neves and Mário Silva, Dennis Cardoza, Devin Nunes and Jim Costa, politicians of Azorean descent. Insignias of Merit were given to the following organizations: the Casas dos Açores in Winnipeg, Ontario, and Quebec; the Azores Military Band; Fayal Sport Club; COFACO, SA; and Sociedade Corretora, Lda. Individuals receiving the same award were João de Melo, Jorge Vicente, Canon José de Lima, Father Eugénio Coelho Rita (posthumously), Maria Leónia Pereira, António Manuel da Silva Melo, Elvino Silveira de Sousa, José Carlos Moniz Teixeira, Irene Maria Ferreira Blayer, Frank Fontes Sousa, José Francisco Costa, Onésimo Teotónio Almeida, Carlos Pacheco Andrade, David Nicodemos Tavares, and posthumously, Gilberto Mariano da Silva and Francisco Pessanha. Insignias of Dedication were given to Conceição Castro Ramos, José Carreiro de Almeida and Luís de Brito Azevedo. The visit was designed to honor Azoreans who, despite having left their homeland, have retained their spirit of "Azoreanity" and sensitivity to the cultural values that go into forming Azorean identity. In addition, the honorees have enhanced the prestige of the Azores through their work, while spreading and promoting economic and social development throughout the communities in which they reside.



Reportagem de Valter Franco











# Açores/ Comunidades:

“O reforço do papel da Juventude nos Açores e Comunidades”

Azores/communities:

“Azorean communities youth empowerment”



## Encontro de Jovens 2009

### Youth Meeting 2009

Ponta Delgada  
5 a 7 de Setembro  
5th to 7th September

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Inscreve-te no site [www.encontrodejovens.org](http://www.encontrodejovens.org) até dia 09 de Agosto

Subscribe on [www.encontrodejovens.org](http://www.encontrodejovens.org) until August 09th

Promotor:



Governo dos Açores



## CASA DOS AÇORES NO ALGARVE

### Historial breve

A nossa identidade de gente do basalto e do mar, de caçadores de cachalotes, de fé no Divino Espírito Santo, de partida constante ao encontro de horizontes que o sonho enaltece ou, apenas, na fuga aos fenómenos telúricos, jamais esmorece sempre que galgada a fronteira que confina a ilha e faz do mar o caminho necessário.

Onde quer que tal caminho nos leve, a vivência das ilhas e a sua divulgação plena na região ou país de acolhimento é, sempre, um dos mais firmes propósitos do âmago açórico.

Longe de qualquer excepção, no Algarve esse propósito também ganhou forma, e, num conseguido conjunto de esforços, a diáspora açoriana faz surgir, no início do ano de mil novecentos e noventa e dois, como estrutura de raiz e simultânea base de divulgação das nossas ilhas-berço, o Núcleo dos Açores no Algarve, instituição não oficial que durante quase dois anos assume, com coerência, toda uma acção exigida e, sempre, conseguida.

Das vastas actividades desenvolvidas e de todo o desempenho posto em prática, é de sublinhar a excursão aérea à ilha de S. Miguel, em finais de Janeiro de mil novecentos e noventa e três, que aglutinou e entusiasmou mais de centena e meia de pessoas, entre as quais responsáveis do poder local, professores de diferentes áreas, empresários e diversas outras entidades que, pela primeira vez, tomam conhecimento, em piso ilhéu, com a realidade do Arquipélago dos Açores.

Pela bem sucedida e feliz ocorrência, novos e amplos horizontes se vislumbram levando à prática uma convicta e uníssona opinião dos responsáveis do Núcleo e de toda a massa associativa, sempre presente nas decisões de porte, baseada no colmatar de nova instituição, desta feita de cariz oficial, tendente a, num aspecto definitivo, formatar e consolidar a expressa vontade de dar a conhecer, na região de acolhimento, o “todo” que a região de origem dispõe e pretende, na mais franca e aberta generosidade, ofertar.

A Casa dos Açores no Algarve surge, então, nesta perspectiva, e é oficialmente constituída por escritura pública de dezoito de Maio de mil novecentos e noventa e três, exarada no I Cartório da Secretaria Notarial de Faro, facto que circunstancia a dissolução do inicial Núcleo.

Até Novembro de mil novecentos e noventa e quatro sem dispor de espaço físico próprio, reúne nos mais diversos sítios onde possa ser facultada uma zona de trabalho e, deste modo, coordena com assumida responsabilidade a finalidade a que se votara.

Por oportuna e feliz circunstância, na referenciada data, a Casa dos Açores no Algarve instala-se, por arrendamento, num quase centenário e humilde imóvel localizado na baixa de Faro – no Largo da Estação – que não ofertando as condições consideradas desejáveis, estabelece um necessário e dinâmico ponto de encontro e referência, viabilizando e sensibilizando a coordenação de um mais acentuado e eficaz programa de trabalho, uma acção bem mais criteriosa e uma actividade melhor qualificada em prol da “açorianidade” que preconiza dever e querer expressar fora de portas.

Pormenor de forte e inegável relevo, entre vários outros que possam distinguir a diáspora açoriana que vive





e labuta neste extremo Sul de Portugal Continental, refere uma contagem que se presume equivaler a uma centena de ilhéus-açorianos, fixados na notória dispersão geográfica da fronteira de Espanha à Ponta de Sagres. Este facto formula uma dupla responsabilidade à qual a Casa dos Açores no Algarve não pode nem deve alhear-se e, visa, em simultâneo, toda uma actividade dirigida à diáspora açórica quantitativamente menos expressiva e à aberta, atenta e enorme comunidade envolvente que a insere.

Corre, como norma destacada e de bom grado difundida, ser a Casa dos Açores no Algarve uma instituição plena de valores colhidos na origem e partilhados por toda a extensa região de acolhimento. Esta forte e verídica realidade equivale à mais valia que, acentuadamente, se particulariza nos vários concelhos cujas autarquias e outras entidades representativas e de manifesta implantação, não raras vezes, formulam convites com base no desenvolvimento de projectos nas respectivas zonas de influência como, inclusive, a constituição de firmes parcerias capazes de ultimar esses mesmos projectos.

Por boa verdade, esta proximidade franca e honesta no relacionamento focado, proporciona gratificantes sinergias de trabalho, sempre desenvolvido de forma meticulosa e saudável, na procura de articular úteis e duradouras interligações.

Sem queixas formuladas mas com esperança num melhor porvir, convém frisar que, por exíguas e precárias, as instalações onde funciona a sede da Casa dos Açores no Algarve mostram incapacidade de suportar a significativa maioria das actividades programadas. Viabilizá-las, depende, então, dos bons relacionamentos alicerçados que têm permitido amáveis cedências pontuais dos necessários espaços físicos, desde salão nobre de autarquias, auditórios, galerias, bibliotecas, jardins ou outras áreas que se coadunam aos acontecimentos.

A nítida identidade do Arquipélago dos Açores é, claramente, revelada e difundida desde o mais remoto registo ao acentuado desenvolvimento e notório progresso que, hoje, se diversifica na abrangência das nove ilhas que se aninham na constituída Região Autónoma.

Como uma das vertentes dessa mesma identidade, revelar poesia e poetas, obras e escritores, exposições de pintura e fotografia e seus autores, mostras de artesanato, música e cantares, palestras da mais diversa temática, “mesas-redondas” e tertúlias várias, corresponde à sempre intencional e crescente responsabilidade, direccionada a um amplo horizonte onde a realidade açoriana é, em simultâneo, dissecada na avidéz do conhecimento e no eco que deve fazer repercutir.

Revelar a memória da baleação, que envolve e desperta interesse e curiosidade, expondo, incluso, os artísticos trabalhos concebidos em marfim e osso de baleia. Revelar ainda a raríssima arte manifestada nas peças, quase únicas, que o miolo de figueira deixa reproduzir, ou dar a conhecer o talento que transforma casca de cebola ou de alho, ou escamas de peixe, em quadros ou peças várias de decoração única é, apenas, o não descurar, parcial, do projecto que o Algarve usufrui e que a Casa dos Açores, conscientemente, direcciona e implementa.

Várias outras vertentes de identidade açoriana são, habitualmente, referenciadas e com entusiasmo recebidas pela comunidade envolvente, permitindo uma visão generalizada do Arquipélago, suas ilhas, gentes, usos e costumes.



Reviver o passado, por exemplo, pela apresentação, em desfile, de trajos populares, divulgar a gastronomia, promover o sabor dos vinhos das nossas ilhas, constitui também, entre várias outras, mais uma manifestação das que responsabilizam a Casa dos Açores no Algarve e a diáspora açórica e sensibilizam a comunidade envolvente.

Tarefa também a ter em conta tende a abranger e entusiasmar o tecido empresarial, quer na origem quer no acolhimento, esforço que, de momento, com poucos frutos colhidos poderá, no futuro, colmatar num satisfatório resultado, tão benéfico quanto necessário.

Porém, o mais forte e marcante facto que a Casa dos Açores terá protagonizado no Algarve cinge-se à reimplantação do culto ao Divino Espírito Santo.

Como advertência e última notícia conhecida sobre a prática deste culto e festejos, neste extremo sul do continente português, uma referência ao sotavento algarvio, mais propriamente à zona da cidade de Tavira, localiza-o, temporalmente, em meados do século XIX.

Por tal, a nove de Junho de mil novecentos e noventa e seis, quase século e meio após os últimos festejos que o conhecimento parece alcançar, a Casa dos Açores repõe no Algarve onde se posiciona, toda a evidência e tradição do Espírito Santo no seu conceito original.

É assumido, assim, o “Ciclo das Nove Ilhas no Culto e Festejos ao Divino Espírito Santo” que, desde então, e ano após ano, tem feito viver a verdade da partilha.

Os cortejos, as coroas, as bandeiras, as filarmónicas, as missas com cânticos e coroações e as tradicionais “sopas”, sempre confeccionadas por mestres de cozinha que, expressamente dos Açores, se deslocam para tal, não dão quaisquer tréguas às tradições das nossas ilhas, já que é destas, também, a proveniência da carne, do vinho, da massa sovada e de todos os demais componentes necessários à ocasião.

Em cada ano, na época devida, é representada uma ilha ou um concelho dos Açores e vários concelhos algarvios recebem e vivem, esta tradição que o povo açoriano ao longo dos séculos preserva e difunde.

Alicerçados nesta doação aberta e simultâneo envolvimento, estes festejos do Divino Espírito Santo, considerados como os de maior relevo em Portugal Continental, no ano transacto e na inclusão que firma o ultimar da geminação Lagoa – Açores / Lagoa – Algarve focam uma partilha inédita, vivida por mais de setecentas pessoas.

Do múltiplo intercâmbio comungado com a Região Autónoma, nota de relevo adverte que, até ao advento do correio electrónico, por exemplo, na vertente do ensino, solicitações explícitas incumbem a Casa dos Açores na prática de toda uma formalidade burocrática e na responsabilidade, conseguida, de canalizar docentes no preenchimento de vagas nos diversos estabelecimentos de ensino das nossas ilhas.

Breve referência no campo editorial, evidencia o boletim cultural e informativo “Nove Ilhas”, cuja distribuição inicial regista o mês de Outubro do ano de dois mil e sete. Não obedecendo, de momento, a periodicidade regular, opta por suprir tal faceta menos gratificante na conjugação de um conteúdo da melhor e diversificada escolha.

Inovar, e em constante procura, surge em Outubro de dois mil e oito, a I Semana Cultural dos Açores no Algarve, cujo tema “Açores – Letras, Música e Sabores” pelo pleno sucesso evidenciado, a par da receptividade nutrida, impõe a obrigatória continuidade.

De relance, das honrosas presenças em eventos vários, referir a “Fatacil” – Feira de Artesanato, Turismo, Agricultura, Comércio e Indústria de Lagoa”, o maior certame congénere a Sul do Tejo; a “Feira dos Doces, Frutos Secos e Bebidas Regionais” ou “Convívios de Pesca das Casas Regionais”, é evidenciar a presença e a representatividade dos Açores. Noutra campo, referir o desenrolar do “Encontro Escolar Inter e Multicultural” ou o apoio às Escolas onde trabalhos sobre os Açores são desenvolvidos em cada ano lectivo, é corresponder ao projecto alicerçado na sustentação e divulgação da imagem dos Açores.

A essência de toda uma diversificada e estreita colaboração, fortalecida no dia a dia “atendendo ao comum interesse no desenvolvimento da Região Autónoma dos Açores” corresponde, também, ao explanado no protocolo protagonizado com a Direcção Regional das Comunidades, cujo clausulado mantém a concordância da actual Directora Regional, Dra. Rita Machado Dias.

No ano de dois mil e cinco, por “unanimidade e aclamação”, a massa associativa da Casa dos Açores no Algarve, pela primeira vez, distingue uma personalidade com a atribuição de Sócio Honorário. Em Maio do ano



seguinte, Carlos Manuel Martins do Vale César, Presidente do Governo Regional dos Açores, honra com a sua presença o Algarve, onde, na cidade de Faro, e em sessão solene, é feita a entrega do respectivo Diploma.

À então Directora Regional das Comunidades e actual deputada à ALRA, Alzira Maria Serpa Silva, personalidade também distinguida como Sócia Honorária da Casa dos Açores no Algarve, a entrega do Diploma tem lugar em Lisboa, numa homenagem protagonizada pela Casa dos Açores daquela cidade, no início do ano em curso.

A Casa dos Açores no Algarve é agraciada com a Medalha de Mérito – Grau Prata da cidade de Faro, enaltecendo a mais valia que representa para o Concelho.

Também em reconhecimento ao trabalho desenvolvido o III Intercâmbio Cultural Brasil / Portugal promovido pela ALAP – Academia de Letras e Artes de Paranapuã, Rio de Janeiro – e a Casa Museu Maria da Fontinha – Castro D’Aire, enaltece-o e outorga à Casa dos Açores no Algarve o Diploma de Honra ao Mérito Austragésilo de Athayde “em reconhecimento aos serviços prestados ao engrandecimento da Cultura Luso-Brasileira”. Em sessão solene desenvolvida no Salão Nobre do Governo Civil de Faro e perante vinte e dois membros da referida Academia, em viagem por Portugal Continental, e inúmeros convidados, é entregue ao presidente da direcção o documento que contempla a distinção atribuída. Na mesma sessão solene é, de igual modo, entregue o Diploma de Reconhecimento ao Mérito “pelos elevados serviços prestados à Cultura e à Lusofonia”, outorgado pelo Elos Clube de Leiria, filiado do Elos Internacional da Comunidade Lusíada.

Em abono da verdade, tais distinções não são pertença única da Casa dos Açores no Algarve. Mais que um direito, é dever partilhá-las com todos os que habitam e labutam nas nove ilhas dos Açores que, em pleno Atlântico, jamais esquecem todos quantos, cá por fora, vivem e acumulam saudade.

Neste presente que incute crescente responsabilidade e não abre portas a qualquer desânimo, nem pretende alijar um único esgar da boa-vontade empreendida, a confinar com bases e razões rijas e credíveis, é possível adivinhar o “desenho” de um futuro que se pretende isento de desvios ou estagnações.

**RUBEN SANTOS**







## THE CASA DOS AÇORES IN THE ALGARVE

### A brief history

Our identity as people of basalt and the sea, sperm whale hunters, people of faith in the Divine Holy Spirit, of never-ending departures in a quest to find the new horizons exalted in dreams – or to flee from the spasms of earthquakes – never wanes, even when we make it across the frontier that hems our island in, making the sea the path we are forced to follow.

Wherever that path takes us, the life we experienced on the islands - and bringing it to the public's attention in our host country or region - has always been one of the most compelling aims of the Azorean spirit.

The Algarve is no exception. Here too this aim has also taken shape. As a result of successful efforts, in early 1992, the Azorean Diaspora created, from the ground up, an organization that would serve to promote the islands of our heritage – the Azores Nucleus in the Algarve. It was an unofficial institution that for almost two years would take concerted and coherent action to bring needed initiatives to fruition- always successfully.

Of the many activities it sponsored and the efforts it undertook one was of particular note: the plane trip to São Miguel Island in late January of 1993, which brought together and rallied the enthusiasm of over 150 people including local officials, teachers from different fields, business people, and a number of other participants who got to experience the realities of the Azorean Archipelago – on Azorean soil – for the first time.



Owing to this highly successful, timely initiative new, broader horizons opened up. This led the heads of the Nucleus, and its whole membership – who were always on hand when weighty decisions were to be taken – to give practical shape to a deep-seated, unanimous conviction that they already held. A new institution would be created and this time it would be of an official nature and definitively give form and consistency to the desire to disseminate, in the host region, “everything“ one should know about what the Azores has and intends – with the utmost frankness and generosity – to offer.

Thus, the Casa dos Açores (Azores “house” or center) in the Algarve was born. It was officially set up by public deed on May 18, 1993, drawn up at the First Notary's Office in Faro, at which time the initial Nucleus was terminated.

Since it did not have its own facilities, until November of 1994, members met in a variety of places where they could work and responsibly coordinate activities to meet the objectives they had set for themselves.

Through a lucky turn of events, on the date mentioned above, the Casa dos Açores set up in a modest rented building that was nearly 100 years old, located in the Largo da Estação in downtown Faro. Though conditions were far from desirable, they now had a much needed meeting place and home base, which allowed them to step up and coordinate their tasks more efficiently, and undertake more selective activities better suited to expressing the “Azoreanity” they intended and wished to promote far from their native shores.

An important, irrefutable fact – in addition to a host of others that characterize the Azorean Diaspora living and working in southernmost mainland Portugal – is that close to a hundred Azorean Islanders are thought to reside in the geographical stretch that goes from the Spanish border to the Sagres Promontory. This means that the Casa dos Açores has a dual responsibility which it cannot – indeed must not – overlook. It must design activities aimed at the local Azorean Diaspora which, quantitatively speaking is not large, and, at the same time, attend to the huge, open, attentive surrounding community it belongs to.

Word has it – as does praise generously given – that the Casa dos Açores in the Algarve is an institution strongly marked by the values it gleaned from its land of heritage, values that it shares with its extensive host region. This

marked reality is indeed an asset and has meant that the local authorities and other entities of the different boroughs often invite the Casa dos Açores to carry out projects in their respective bailiwicks that include strong partnerships aimed at bringing these initiatives to fruition.

This close, earnest working relationship has led to a well-functioning, healthy synergy aimed at establishing ties that are lasting and beneficial.

Not wishing to specifically complain – but in the hopes of contributing to a better future – we must stress that the facilities where the Casa dos Açores is now located are small and unsuitable, and do not offer conditions to host the majority of activities that are planned. The strong relationships the Casa dos Açores in the Algarve has forged with other entities has made it possible to hold events, with these entities often kindly allowing the Casa dos Açores to use such facilities as formal municipal meeting halls, auditoriums, galleries, libraries, gardens and other spaces that best suit the event being staged.

The clearly defined identity of the Azorean Archipelago is manifested and promoted in the various activities the Casa dos Açores in the Algarve carries out: from the most remote detail to the great strides and notable progress that is widespread among the nine islands that nestle together in today's Autonomous Region.

With the goal of disseminating the many facets of this identity, the Casa dos Açores brings poetry and poets as well as writers and their works into the public eye. It holds painting and photography exhibitions and highlights the artists who created them; it stages exhibits showcasing handicrafts, music and songs; organizes talks on a host of topics, as well as a wide range of round table discussions and soirées. With these initiatives it is taking on the



willingly adopted, growing responsibility of bringing the reality of the Azores to as wide an audience as possible who is avid to learn even the smallest detail and anxious to relay it to others.

It has also rekindled the bygone days of whaling - a spellbinding subject that awakens interest and piques curiosity – by exhibiting exquisite works of scrimshaw and artifacts carved in ivory. It has regaled the public with uniquely rare artistic pieces hewn from fig-tree pith and displayed the talents of artists who deftly turn onion and garlic skins or fish scales into framed sculptures and a variety of unique decorative pieces. This is only a small part of the activities the Algarve has

enjoyed as a result of the carefully chosen, well-targeted initiatives the Casa dos Açores has carried out.

Yet a number of other manifestations of Azorean identity are also regularly brought to the public's attention in the Algarve. These activities are greeted with enthusiasm by the local community who get a broader view of the Archipelago, its islands, people, habits, and customs.

The Algarve's Casa dos Açores has also brought the past to life by organizing parades featuring regional Azorean costumes, and promoting Azorean cuisine and the unique tastes and special wines from the Azores. These are more examples – among a host of others – of the types of initiatives spearheaded by the Casa dos Açores and local residents of Azorean descent that have sparked the interest of the surrounding community.

Another important task is that of garnering the enthusiasm of the business community both on the islands and in the host region. This effort to date has borne little fruit, though there is every reason to believe that in the future such efforts will lead to outcomes that are as necessary as they are beneficial. .

Of all these initiatives though, the one that has made the greatest mark is the leading role the Casa dos Açores has played in reviving worship of the Divine Holy Spirit in the Algarve. The last record we have of this cult in the south of Mainland Portugal and the festivities that accompany them, tells us that they were taking place in the eastern Algarve – specifically around the city of Tavira – in the mid-19<sup>th</sup> century.

On June 9, 1996, almost 150 years after the last known festivities were held, the Casa dos Açores once again restored all the trappings and traditions peculiar to the worship of the Divine Holy Spirit to the Algarve, as they were



originally conceived. Every year since, the tradition has been shared with the Algarve in full force, dubbed as “Cycle of the Nine Islands in the Cult and Festivities of the Divine Holy Spirit.”

Marking the occasion are the customary parades, crowns, flags, philharmonic bands, sung masses, coronations and those traditional “soups” made by expert chefs expressly brought over from the Azores. In the Algarve the traditions of the islands are lavishly displayed and so authentically presented that even the meat, wine, *massa sovada* (known in the US as Portuguese sweet bread) and all the other ingredients that make up the event are especially brought in from the islands.

Each year an island or a borough of the Azores is showcased, as a several boroughs in the Algarve greet and relive a tradition that that the Azorean people have preserved and disseminated over the centuries. An occasion of sharing and mutual involvement, these particular festivities of the Divine Holy Spirit are considered to be the most noteworthy festivities of their type in Mainland Portugal; and last year they saw the final touches being put on the process to make Lagoa – Açores and Lagoa – Algarve twin cities, a unique event witnessed by more than 700 people.

Many avenues for exchange with the Autonomous Region have been established by the Casa dos Açores; yet among the most noteworthy, in the area of education, is that until the advent of e-mail, the Casa dos Açores was called upon to deal with the bureaucracy involved in securing teachers to fill positions at a number of educational institutions on the islands.

In addition to its other activities, the Casa das Açores in the Algarve also puts out a cultural, informative newsletter called *Nove Ilhas (Nine Islands)*, which was first distributed in October of 2007. Although the newsletter is not put out regularly, it compensates for this fact by choosing content that is diverse and of outstanding quality.



Constantly striving to innovate, in October of 2008 the Casa dos Açores in the Algarve launched the First Azores Cultural Week in the Algarve, which revolved around the theme “Azores: Lyrics, Music and Flavors.” From the success it achieved and the reception it garnered, the event will likely become a “must” on the agenda for the future.

Also worthy of a brief mention are the various events the Azores has had the merit of participating in such as: Fatacil – the Lagoa Handicrafts, Tourism, Agriculture, Commerce and Industry Fair, the largest showcase of its kind south of the Tagus River; the Sweets, Dried Fruits, and Regional Beverages Fair; and sport fishing outings involving regional centers. At all of these events the Azores were present and represented. Other initiatives worth mentioning are the Inter and Multi-Cultural Meeting of Schools and the support given to schools where each year students have to create projects about the Azores. Once again, these are initiatives aimed at furthering and promoting the Archipelago.

Wide-ranging, close cooperation, made stronger on a day-to-day basis, “bearing in mind a common interest in developing the Autonomous Region of the Azores,” is the idea put forward in a protocol co-signed by the Regional Department for the Communities, whose contents have also met with the approval of Regional Director Dr. Rita Machado Dias.

In 2005 “with unanimity and acclamation” the members of the Casa dos Açores in the Algarve gave out its first honorary membership. In May of the following year, the honoree, Carlos Manuel Martins do Vale César, president of the Regional Government of the Azores, subsequently honored the Algarve by being present to receive his citation as an honorary member at an official ceremony in Faro.

Likewise, the Regional Director for Communities at the time, and current deputy to the Azores Regional Assembly, Alzira Maria Serpa Silva, was also distinguished as an honorary member of the Casa dos Açores of the Algarve in an honors ceremony held by Lisbon’s Casa dos Açores at the beginning of this year.

The Casa dos Açores in the Algarve has been awarded the Silver Medal of Merit of the city of Faro in recognition of the outstanding asset it has been to the borough.

Also in recognition of the work the Casa dos Açores in the Algarve has carried out, the III Intercâmbio Cultural Brasil / Portugal (Third Brazil/Portugal Intercultural Exchange Event) sponsored by the Paranapuã, Rio de Janeiro Academy of Arts and Letters and the Casa Museu Maria da Fontinha in Castro D’Aire, distinguished the work the center has done by awarding it the Austragésilo de Athayde Honor for Meritorious Achievement “in recognition of services rendered in elevating Luso-Brazilian culture.” The president of the center was handed the award in a formal ceremony held in the Grand Hall of Faro’s Civil Government before 22 members of the Academy traveling throughout Mainland Portugal and countless guests. At the same ceremony, a citation of Recognition of Meritorious Achievement “for superior services rendered to culture and the Portuguese language” was also received. The honor was given by the Elos Club of Leiria, an affiliate of Elos International for the Portuguese-Speaking Community.

In point of fact, these honors do not only belong to the Casa dos Açores in the Algarve. The center knows that more than a right, it is their duty to share them with all of those who live and work on the nine islands that make up the Azores – an archipelago in the mid-Atlantic that has never forgotten the many living far from its shores who still miss their homeland.

The present demands that we shoulder increased responsibility and not give in to discouragement. It demands we not look askance at even the smallest spark of good will based on things that are strong and credible. With this as our scenario, and as far as the Casa dos Açores in the Algarve is concerned, we can foresee a future in which we do not stand idly by, but forge purposefully ahead.

**RUBEN SANTOS**







## A TRAJETÓRIA DA CASA DOS AÇORES DO RIO DE JANEIRO E SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

No início do século passado, a ideia da criação das casas regionais portuguesas no Rio de Janeiro surgiu como uma continuidade dos centros comunitários que estavam se instalando nas províncias ao Norte de Portugal. Este projeto seria a materialização da retórica republicana a favor de uma nova política de descentralização.

A divisão territorial observada nas denominações das várias associações (Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Casa da Vila da Feira, Casa das Beiras, etc.) representa, para Roberto Sousa, uma diversidade real da sua naturalidade, e oferece uma maior visibilidade do grupo homogêneo perante a nação acolhedora.

As casas regionais foram bem acolhidas pela comunidade portuguesa, atraindo um número significativo de sócios, e organizando eventos que incluíam o folclore e as festas semelhantes às dos locais de origem destas comunidades.

As lideranças portuguesas do Rio de Janeiro, ao se disporem a fundar associações dirigidas aos imigrantes de mesma proveniência, além de afirmarem a “identidade portuguesa”, usufruíam, nesta proposição, de “interesses” econômicos, sociais e políticos.

A implantação das Casas dos Açores foi uma iniciativa que as transformou num atrativo entre a comunidade açoriana, desempenhando um papel aglutinador de gerações que se sentiam ainda enraizadas no arquipélago açoriano.

A idéia da criação da Casa dos Açores do Rio de Janeiro partiu do Doutor Vitorino Nemésio, em 1952, quando de uma de suas estadias nesta cidade. Ele introduziu, no Rio de Janeiro, os ideais da Primeira República quanto às províncias portuguesas, incluindo o Arquipélago dos Açores, sua terra natal.

A proposta dele foi colocada em prática por um grupo de açorianos radicados nesta cidade: Antonio Luis Silveira, Bernardino Mendes, Francisco Matos, João Ferreira Machado, Armando Pires e Manuel Andrade, liderados pelo 1º presidente João Soares de Medeiros, o qual revelou, posteriormente, que aceitou o cargo com o objetivo de concretizar o desejo de oferecer um lar aos açorianos do Rio de Janeiro. A Casa dos Açores foi fundada neste mesmo ano.

Esta foi a 2ª Casa dos Açores a ser fundada no mundo, e a 5ª Casa Regional a ser criada no Rio, entre as 19 existentes atualmente. O Centro Transmontano foi a pioneira, fundada em 1923, atualmente denominada Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, seguida pelas outras três: Casa do Minho, Casa dos Poveiros e Casa do Porto, todas fundadas na primeira metade do século passado, sendo a última a Casa de Macau, em 1991.

Os propósitos estabelecidos nos estatutos da Casa e denominados de “Os Fins da Casa” foram os de congregar os açorianos e seus descendentes, assim como propor amparo moral, educativo e filantrópico; divulgar a história luso-brasileira, destacando a açoriana; promover diversões culturais, recreativas, esportivas e artísticas; estabelecer relações com as instituições congêneres portuguesas e luso-brasileiras, a fim de promover o relacionamento entre os dois países. A intenção dos fundadores visava não somente a união dos açorianos, mas também incentivá-los quanto a estas deliberações, a fim de que se adaptassem ou, até mesmo, se integrassem no novo meio que optaram para viver.

Também compõem os objetivos a criação de uma biblioteca, destacando, em seu acervo, as obras e publicações tanto açorianas como portuguesas. Esta biblioteca é a única, até onde tenhamos conhecimento, especializada em publicações açorianas, no Estado do Rio de Janeiro.

A aquisição da sede própria, no mesmo ano da fundação, valorizou o grupo de açorianos frente à comunidade portuguesa. O prédio, posteriormente, transformado em sede, localiza-se na Avenida Melo Matos, na Tijuca, bairro da classe média carioca.

A Grande Tijuca engloba também os bairros do Grajaú, Vila Isabel e Andaraí, onde existia a maior concentração de açorianos naquela época, não só residentes como também estabelecidos aí comercialmente. Nos bairros mais próximos, Maracanã e S. Cristóvão, também se localizavam um grande número de açorianos. S. Cristóvão era

considerado um bairro nobre provavelmente pelo fato de ter sido, no século 19, o escolhido para sediar o palácio da família imperial brasileira, posteriormente transformado em Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, e onde existe, atualmente, o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro.

As primeiras atividades desta associação foram realizadas no Centro Transmontano, durante o período de um ano e meio, enquanto se realizavam os reparos de adaptação para as novas instalações, a fim de transformar, em uma sede social, o prédio residencial original.

Durante a década de 1950 afirmou-se o quadro social da Casa dos Açores, atingindo, neste período, 1.100 associados. A partir da década de 1960, ocorreu uma redução constante quanto à admissão de sócios açorianos, causada pela queda drástica no fluxo imigratório dos Açores para o Brasil, que se estendeu até os dias de hoje. Na década de 1980, permaneciam inscritos 781 terceirenses, representando 77% dos associados e 10% de micalenses, contabilizando 100 sócios. As outras ilhas apresentavam um número insignificante de inscritos.

Na mesma década, na distribuição por freguesias de cada ilha, o maior número recai na freguesia da Ribeirinha, na ilha Terceira, com 191 sócios, e a freguesia de S. José, na ilha de S. Miguel, com 22 associados inscritos, e o menor número apontava a ilha de Sta. Maria com dois sócios somente.

Destacamos que a grande maioria dos sócios que a tem sustentado predominava na profissão do comércio varejista de carnes, com açougues estabelecidos por todos os bairros do Rio de Janeiro. Esta atividade foi uma das fontes de suporte desta instituição açoriana, desde a sua fundação até o final do século passado.

A Casa foi submetida, ao longo dos anos, a intervenções intermitentes na sua estrutura física. Após a primeira remodelação seguiu-se, no ano de 1963, outra modificação quase total, com alteração da fachada, alargamento da varanda, e outros aprimoramentos. Em 1968, procedeu-se à construção de um ginásio para prática de desporto e outras atividades, denominado “Comendador João Soares de Medeiros”, em homenagem ao primeiro presidente que vinha, há quase duas décadas, dirigindo a Casa com extrema dedicação. Anos mais tarde, quando as instalações já se encontravam novamente deterioradas, esta primeira sede foi demolida e foi construída uma nova sede, inaugurada em 1996, que apresenta as características da arquitetura açoriana, e se destaca no ambiente arquitetônico da Avenida Melo Matos. A nova sede dispõe de salões, sala de reuniões e de convívio, biblioteca, secretaria e piscinas na cobertura do prédio.

Na década de 1950, uma das iniciativas iniciais foi a criação do Grupo Folclórico denominado Padre Tomás Borba, efetuada pelo Professor João Homem Machado e por Antonio Luis Silveira, o primeiro picoense e o segundo terceirense. Além de divulgar o folclore açoriano no Rio de Janeiro, o grupo tem contribuído, também, como atração para os jovens, descendentes de açorianos, freqüentarem e participarem dos eventos na Casa.

As atividades sociais, programadas pelas diretorias, promoveram inúmeras festas regionais, religiosas, confraternizações, sessões recreativas, bailes, matinês, shows, sessões de cinema, recitais artísticos e até excursões fora do Rio de Janeiro.

A assistência social tornou-se efetiva a partir de 1954, através da “Caixa de Auxílio D. Laura Soares de Medeiros”, dirigida aos açorianos necessitados.

No auge de suas atividades, durante as sessões solenes comemorativas dos aniversários, esta instituição promoveu eventos, onde se apresentaram alguns dos melhores oradores da época, tanto brasileiros como portugueses, líderes religiosos e políticos, destacando-se o Prelado açoriano Cardeal D. José da Costa Nunes, D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo de Angra, e, ultimamente, os Presidentes da Região Autônoma dos Açores Dr. João Bosco Mota Amaral e Sr. Carlos Manuel do Vale César, este atualmente em exercício.

A partir de março – abril de 1955, foi iniciada a primeira série dos boletins desta instituição denominados “Casa dos Açores” de periodicidade mensal e bimestral. Foi mantida a mesma denominação até 1969 quando, passa a intitular-se Revista “Nove Ilhas”, com nova apresentação gráfica na capa, e periodicidade bimensal.

Nos últimos anos, a elaboração dos boletins restringiu-se somente a datas comemorativas da fundação, como por exemplo 50º aniversário, Bodas de Ouro. Contudo, os programas continuaram sendo enviados aos sócios mensalmente, até os dias de hoje.



Estas publicações ostentavam além da programação mensal, a descrição das atividades, dos noticiários sobre os açorianos do Rio e dos Açores, pequenos artigos literários e históricos sobre o Arquipélago, entrevistas, poesias etc., além da secção dos associados aniversariantes e outros assuntos relacionados com a comunidade açoriana e portuguesa. Incluía também as propagandas, quase todas de empresas açorianas.

Alguns eventos sociais foram extintos com o passar dos anos, como os bailes de carnaval, as festas juninas, a comemoração anual do aniversário de fundação da casa, os bailes da primavera, com a coroação da rainha no mês de setembro e o baile de passagem de ano. Estes bailes apresentavam um *glamour* muito próprio, tanto nos trajes como nas danças, e no convívio de adultos e jovens.

Cessaram, também, as apresentações do Grupo Cênico de amadores, que apresentou várias peças de teatro, tanto para a comunidade açoriana como em outras casas de espetáculos e a Tuna Terceirense, dirigida pelo tocadador de viola Antonio Luis Silveira.

Neste contexto, também interrompeu a sua atividade a Caixa de Auxilio D. Laura de Medeiros.

Mantiveram-se as festividades de homenagem às mães e pais; a festa das crianças; a comemoração dos aniversários de fundação da Casa e do Grupo Folclórico e a congratulação natalina, as quais, geralmente, são complementadas pela gastronomia açoriana, levada a efeito pelo Departamento Feminino.

Também se realiza, anualmente, a coroação do Divino Espírito Santo, em que as crianças são coroadas na Igreja de S. Francisco Xavier, paróquia a que pertence esta instituição, e o cortejo é seguido por um convívio degustado com vinho e massa sovada típica das festas do Divino Espírito Santo nos Açores.

A prática do desporto também tem sido uma prioridade, através de duas equipas de futebol de salão, pertencentes à Casa, que disputam torneios com as casas co-irmãs.

No ano de 2003, esta associação recebeu o Encontro “Raízes Açorianas no Brasil”, um ciclo de palestras, promovido pela DRC, Direção Regional das Comunidades, e pelas Casas dos Açores do Brasil. Nesta ocasião, foi apresentado o livro intitulado “Açorianos no Brasil”, pela sua organizadora Doutora Vera Barroso, da Universidade de Porto Alegre.

No mesmo ano, o Presidente do Governo dos Açores, Sr. Carlos César, efetuou uma *tournee* a fim de visitar algumas Comunidades Açorianas do Brasil, como S. Paulo, Rio Grande do Sul, Sta. Catarina e Rio de Janeiro, nesta foi recebido na Casa dos Açores.

O governo açoriano tem participado, ultimamente, nas inovações que foram introduzidas na Casa, como os Encontros Culturais Açorianos que se tem realizado anualmente, uma iniciativa da DRC através da sua ex-Diretora, Dra. Alzira Silva, que apoiou a Casa enviando palestrantes dos Açores. O primeiro Encontro, em 2006, distinguiu-se, principalmente, pelo primeiro contato com a Prefeitura da cidade de Viana, um município pertencente ao estado do Espírito Santo, colonizado por açorianos, no século XIX. Este vínculo inicial resultou em um intercâmbio direto entre a Casa e esta Prefeitura, com o objetivo de implementar programas e resgatar o folclore açoriano nesta cidade.

A partir da década de 1960, o número de sócios vem decrescendo continuamente, visto que, neste período, a imigração açoriana para o Rio de Janeiro quase cessou completamente. Este fato levou à redução do número de açorianos sobreviventes, que ainda freqüentam a sua sede. A diretoria é composta, atualmente, por um terço de açorianos natos, aproximadamente, além de descendentes e de brasileiros.

Durante 57 anos de existência da Casa dos Açores, esta tem sido um importante instrumento que materializa a própria açorianidade, num espaço onde os açorianos e seus descendentes têm usufruído de convívio e divertimento como se estivessem em suas próprias ilhas.

Tanto para os adultos como para os descendentes, a vida associativa tem atuado como um apoio à vida da comunidade, embora estes últimos se sintam bem integrados na outra realidade social, extra-açoriana, a brasileira, desvinculada de seus ascendentes.

O desempenho da Casa, ultimamente, se concentra, principalmente, quanto à cultura popular açoriana, de exibição do folclore e manutenção dos costumes.

Destaca-se, também, o suporte do órgão oficial das comunidades açorianas, a DRC, que muito tem contribuído

com o apoio de programas provindos dos Açores, para ali se apresentarem, visto esta debater-se com dificuldades econômicas, pela falta de renovação de seus quadros por açorianos. Este apoio favoreceu uma nova dinâmica sócio-cultural e econômica na instituição, o que estimula e incentiva a inovação de programas.

Vislumbrar o futuro da tão proclamada “açorianidade” é tarefa difícil, visto muitos descendentes desconhecem a realidade, tanto da Região Autônoma como da sua própria comunidade, a qual lhes é insignificante em relação a uma megalópole como o Rio de Janeiro. Um maior conhecimento quanto ao Arquipélago e suas comunidades no estrangeiro, provavelmente proporcionaria um maior interesse na manutenção da associação açoriana nesta cidade, em direção aos anos vindouros.

Podemos reconhecer o valor desta associação, através da afirmação de Alexandre Amaral: “Pela primeira vez, na história das três Américas, só depois de cinco séculos de existência Açórica, é que um núcleo de açorianidade se firmou, unido e patriótico, na comunidade luso-brasileira do Rio de Janeiro”.

A importância das várias instituições portuguesas que existiram e existem por todo o Brasil concorreu para facilitar a instalação dos fluxos imigratórios na terra receptora. O seu papel foi, principalmente, o de agir como um aparato social quanto à adaptação do imigrante camponês à realidade citadina.

**JUDITE EVANGELHO**

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Atas do Conselho Deliberativo da Casa dos Açores**, Rio de Janeiro, 1952 /80.

**Atas da Diretoria da “Casa dos Açores”**. Rio Janeiro, 1952/54.

**Boletins da Casa dos Açores**, Rio de Janeiro, 1955-57.

**Boletins da Casa dos Açores**. Rio de Janeiro, anos de 1960.

**Casa dos Açores - Ata das Assembléias**, Rio de Janeiro, 17-7-1952.

**Revista “Nove Ilhas”**, Set-Dez de 1969, Jan-Ago de 1970.

Fachada atual da Casa dos Açores do Rio de Janeiro







Vitorino Nemésio propondo no Centro Transmontano a criação da Casa dos Açores do Rio de Janeiro – Ano: 1952 – Foto: Arquivo Biblioteca Casa dos Açores do Rio de Janeiro



Carnaval – Ano : 1953/1954(?) – Foto: Arquivo Biblioteca Casa dos Açores do Rio de Janeiro



Encenação de peça de teatro “Amo todas as Mulheres” na Casa dos Açores do Rio de Janeiro – Foto: Arquivo Manoel Ávila



Cena de peça de teatro exibida na Casa dos Açores do Rio de Janeiro – Foto: Arquivo Manoel Ávila



## BACKGROUND AND FUTURE PROSPECTS OF THE CASA DOS AÇORES IN RIO DE JANEIRO

At the beginning of the 20th century, the Portuguese *casas regionais* (regional “houses” or centers) in Rio de Janeiro were seen as extensions of the community centers that were taking root in the northern provinces of Portugal. The plan was to give actual shape to the republican rhetoric that espoused a new policy of de-centralization.

For Roberto Sousa, the territorial distinctions displayed in the names of the various associations (Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Casa da Vila da Feira, Casa das Beiras, etc.) reflected the real diversity of their origins and, in the eyes of the host country, helped to raise the profile of the group as a whole.

The *casas regionais*, which were well-received by the Portuguese community and attracted an appreciable number of members, organized folk festivals and events similar to those held in their regions of origin.

By founding associations serving the immigrants from their own regions, Portuguese community leaders in Rio were able to bolster the community’s “Portuguese identity” while reaping certain economic, social, and political “benefits.”

The *Casas dos Açores* (Azores “houses” or centers) soon became popular with the local Azorean community, bringing together generations who still felt connected to their Azorean roots.



The Casa dos Açores in Rio de Janeiro was the brainchild of Dr. Vitorino Nemésio, who came up with the idea in 1952 during one of his stays in the city. While in Rio, he introduced the First Republic’s ideals with regard to Portugal’s provinces, including the Azores Archipelago, the land of his birth.

His proposal was put into practice by a group of Azoreans living in Rio: Antonio Luis Silveira, Bernardino Mendes, Francisco Matos, João Ferreira Machado, Armando Pires and Manuel Andrade, led by the center’s first president, João Soares de Medeiros, who later revealed that he had accepted the post with the goal of providing Azoreans in Rio de Janeiro with a home away from home. The Casa dos Açores was then founded that same year.

It was to be the second Casa dos Açores to be founded in the world and the fifth regional center, among the 19 that currently exist, to be set up in Rio. The Trás-os-Montes center, currently known as the Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, had been the pioneer in 1923. Three others were to follow in its footsteps: the Casa do Minho, Casa dos Poveiros and Casa do Porto, all founded before 1950; the last to be set up was the Casa de Macau, created in 1991.

The objectives of the Casa dos Açores in Rio, as stated in its statutes, called the “*Os Fins da Casa*”, or “the Center’s Goals,” were to bring Azoreans and their descendants together and provide moral, educational, and philanthropic support. They also expressly aimed to disseminate Luso-Brazilian history – with a focus on the Azores -, promote cultural, recreational, sports, and artistic events and foster relationships with similar Portuguese and Luso-Brazilian institutions in order to strengthen ties between the two countries. Thus, the aims of the founders were not only to bring Azoreans together, but to foster participation so that they would adapt more easily - and even become integral members - of the new environment they had chosen as their home.

Another goal was the creation of a library which would house both Azorean and Portuguese Mainland books and publications. As far as we know, the library is currently the only one in the state of Rio de Janeiro to specialize in Azorean publications.

Acquiring its own headquarters the same year it was founded appreciably raised the profile of the group of Azoreans in the eyes of the local Portuguese community. The building, which was to be turned into the group’s center,



is located on Avenida Melo Matos in Tijuca, a middle-class neighborhood in Rio.

Greater Tijuca also comprises the neighborhoods of Grajaú, Vila Isabel, and Andaraí which, at that time, housed the greatest concentration of Azoreans, who not only worked, but did business in the same area. Close by were the neighborhoods of Maracanã and São Cristóvão, where large numbers of Azoreans had also set down stakes. São Cristóvão was considered an upper crust neighborhood most likely because in the 19<sup>th</sup> century, Brazil's imperial family had chosen it as the site for the royal palace, which was later transformed into the National Museum at the Quinta da Boa Vista, and is now the Rio de Janeiro Zoo.

For the first year and a half, the association's activities were held at the Centro Transmontano, while the newly-acquired residential building was being repaired and adapted to function as the group's headquarters.

During the 1950s, the Casa dos Açores saw its membership grow to 1,100. After the 60s, however, the number of new Azorean members steadily dwindled owing to the sharp reduction in Azorean émigrés to Brazil, which has continued up to the present day. In the 1980s, 781 members hailing from Terceira Island were signed up, coming to 77% of the center's total membership, with another 10%, or 100 members, hailing from São Miguel. The total number of registered members from the other Azorean islands was negligible.

During the 80s, Ribeirinha on Terceira Island was the Azorean parish with most members at the center, with 191 members signed up, while the parish of São José on São Miguel, came second with 22 registered members. Santa Maria Island came in last with only two members.

The overwhelming majority of the members acting as the support base for the center were wholesale butchers with shops set up throughout all of the neighborhoods in Rio de Janeiro. In fact, the retail meat business served as one of the great bulwarks of the Casa dos Açores from the time it was set up to the end of the 20<sup>th</sup> century.

Over the years the Casa dos Açores was refurbished a number of times. After its initial remodeling, it was almost totally remodeled again in 1963 when, in addition to other improvements, the façade was altered and the balcony widened. In 1968, a gymnasium for sports activities and other events was built. It bore the name "Comendador João Soares de Medeiros", in honor of the center's first president who had been running the Casa with exemplary dedication for the previous two decades.

Years later, with the building again in disrepair, the first headquarters were demolished to make way for the construction of new facilities. The new headquarters, bearing a marked Azorean architectural style, were inaugurated in 1996 and notably stand out in the architectural setting of Avenida Melo Matos. The new headquarters boast of several large rooms, a meeting room, a space for gatherings, a library, administrative offices, and swimming pools on the premises.

In the 1950s, the Padre Tomás Borba Folk Ensemble was set up by Prof. João Homem Machado from Pico and Antonio Luis Silveira from Terceira. In addition to disseminating Azorean folk culture in Rio, the group has served to motivate young Azorean descendents to attend and take part in the center's events.

The social events planned by the center's directors have included countless regional and religious festivals, social gatherings, recreational events, dances, matinees, shows, film screenings, recitals, and even excursions to locations outside Rio de Janeiro. Starting in 1954, the D. Laura Soares de Medeiros Social Aid Service also provided social assistance to Azoreans in need.

At the height of its activity, during commemorations to mark its anniversary, the Casa dos Açores also held events featuring some of the most distinguished speakers of the day from both Portugal and Brazil. These have included noted religious and political leaders such as Azorean Cardinal José da Costa Nunes; Aurélio Granada Escudeiro, Bishop of Angra do Heroísmo; and more recently, presidents of the Autonomous Region of the Azores, Dr. João Bosco Mota Amaral and Mr. Carlos Manuel do Vale César, who is currently in office.





March/April of 1955 heralded the first series of the center's monthly and bi-monthly newsletters called *Casa dos Açores*. The title was later changed to *Nove Ilhas (Nine Islands Magazine)* in 1969 when it came out sporting a new cover and on a twice-monthly basis. In the last few years the newsletters have only been published to mark the dates commemorating the center's foundation such as the 50<sup>th</sup> or Golden- Anniversary issue. However, programs of events are still sent to all the members on a monthly basis.

In their heyday, these publications included – not only the center's monthly events calendar – but a description of the activities, news items on Azoreans living both in Rio and the Azores, small literary and historical sketches about the Archipelago, interviews, poetry, a section on members celebrating their birthdays, and a host of other topics dealing with the Azorean and Mainland Portuguese community. They also included advertising sponsored almost exclusively by Azorean businesses.

Some of the social events have been suspended over the years such as the Carnival ball, Saint John's Day festivities, the yearly commemoration of the founding of the center, the spring dances – with the coronation of the queen in September – and the New Year's Eve ball. All these dances were fraught with their own particular type of glamour and charm, patent not only in the dances themselves, but in the costumes and outfits worn by participants and partygoers, and the congenial spirit displayed by adults and young people alike.

The shows put on by the Amateur Theater Group, who put on plays for the local Azorean community and at theaters throughout the city, have also come to a halt, as have the activities of the Terceira Island Musical Group (*Tuna Terceirense*) led by viola-player Antonio Luis Silveira. Time has also put an end to the activities of the D. Laura Soares de Medeiros Social Aid Service.



Still active on the center's program of activities are the festivities honoring fathers and mothers, the children's party, commemorations marking the anniversaries of the founding of the center and the Folk Ensemble, and the Christmas gathering, all of which generally feature Azorean cuisine, cooked by members of the Women's Group.

Another yearly feature is the Divine Holy Spirit coronation event in which crowns are ceremonially placed upon the heads of children in the Church of St. Francis Xavier, the church of the parish in which the Casa dos Açores is located. The procession marking the event is followed by a get-together that features wine and *massa sovada* (known as Portuguese sweet bread in the US), taste treats typical of the Feast of the Divine Holy Spirit in the Azores.

The center has also given particular attention to sports. It has two *futebol de salão* (indoor soccer) teams that participate in tournaments with sister centers.

In 2003, the center held an event entitled "Azorean Roots in Brazil", a lecture series that was promoted by the Regional Department for the Communities and the various Casas dos Açores in Brazil. At the same event the book entitled *Açorianos no Brasil (Azoreans in Brazil)*, was presented to the public by the organizer, Dr. Vera Barroso, from Porto Alegre University.

Also in 2003, the president of the Azores Government, Carlos César, made a tour of some of Brazil's Azorean communities. Included in his visit were the communities of São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, and Rio de Janeiro, where the government official was given a reception at Rio's Casa dos Açores.

The Regional Government of the Azores has recently contributed to some of the new initiatives held by the center such as the Azorean Cultural Meetings, which have been staged annually and are sponsored by the Regional Department for the Communities (RDC) with the assistance of its former director, Dr. Alzira Silva, who has contributed to the initiatives by sending speakers from the Azores. The first meetings in 2006 particularly stood out for having established the first formal contacts between the Casa and the prefecture of the city of Viana, a municipality in the Brazilian state of Espírito Santo, which was settled by Azoreans in the 19<sup>th</sup> century. This initial contact resulted in

direct ties between the Casa dos Açores and the prefecture aimed at setting up programs and retrieving Azorean folk traditions in Viana.

With Azorean emigration to Rio coming to a virtual halt by the 1960s, the center's membership dwindled steadily since there were fewer surviving first-generation Azoreans visiting the center. Currently, approximately a third of the board is made up of native-born Azoreans, with Azorean descendants and Brazilians making up the other two-thirds.

For 57 years, the Casa dos Açores has played a significant role in affirming "Azoreanity" by providing facilities and opportunities for Azoreans and their descendants to meet and enjoy themselves in an atmosphere reminiscent of the islands they hailed from.

The initiatives provided by the center have acted as a support to community life, for both the adults and their children, even though the latter now feel that they belong to another social reality outside the Azores – the reality of Brazil – and have in a sense broken away from the heritage of their forebears.

Currently the Casa highlights Azorean culture by staging events featuring folk traditions and maintaining traditional customs.

We would like to stress the valuable support given by the official body for the Azorean Community – the Regional Department for the Communities – which has staged initiatives coming from the Azores at the center, which is currently undergoing financial hardships due to the waning influx of Azorean members. The RDC's support has lent a new social, cultural, and economic impetus to the institution which in turn has sparked new programs.

It is hard to tell what the future of "Azoreanity"- that much discussed concept – will be. Many of the descendants of those erstwhile Azorean immigrants are out of touch with the realities of both the Azores and their own communities, which to them pale in comparison with the sprawling metropolis of Rio de Janeiro. A better understanding of the Archipelago and the people in its communities abroad will probably help to spark interest in keeping the Rio center vital and forward-looking in the years that lie ahead.

A number of Portuguese institutions that existed – and still exist – throughout Brazil have played an important role in helping successive waves of immigrants integrate into their host communities. Their function was mainly to act as a social device whereby the rural immigrant could adapt more successfully to city life.

Yet Alexandre Amaral perhaps best described the merits of the Casa dos Açores in Rio when he commented, "For the first time in the history of the three Americas, and a full five centuries after the Azores came into existence, a nucleus of "Azoreanity" has taken hold - one that is united and patriotic – among the Luso-Brazilian community in Rio de Janeiro."



---

#### Bibliography

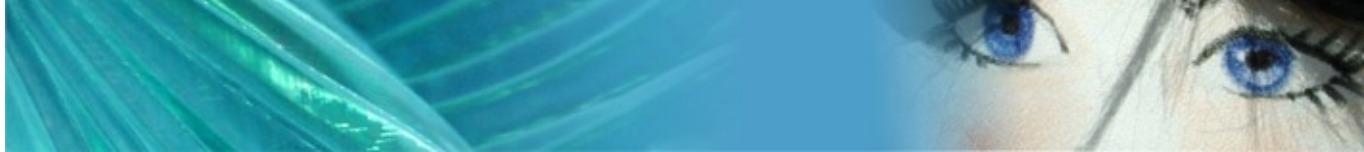
- Atas do Conselho Deliberativo da Casa dos Açores, Rio de Janeiro, 1952 /80.
- Atas da Diretoria da "Casa dos Açores". Rio Janeiro, 1952/54.
- Boletins da Casa dos Açores, Rio de Janeiro, 1955-57.
- Boletins da Casa dos Açores. Rio de Janeiro, 1960.
- Casa dos Açores - Ata das Assembléias, Rio de Janeiro, 17-7-1952.
- Revista "Nove Ilhas", Set-Dez de 1969, Jan-Ago de 1970.





marés de todos os mares





## PORTAL COMUNIDADES AÇORIANAS

Portal de natureza eminentemente científica, a sua organização baseia-se em áreas temáticas bastante diversificadas, que pretendem abranger o maior número de pessoas e de abordagens sobre os Açores e as suas várias Comunidades.

A intensa alteração tecnológica em que vivemos interfere de modo muito significativo na organização e prática da nossa vida quotidiana, tanto a nível particular, como profissional. Indivíduos e organizações vêm-se, assim, hoje confrontados com a necessidade de uma permanente adaptação a novas formas de trabalho e de relacionamento, adaptação que é, na maioria das vezes, bastante gratificante e estimulante.

Alterado o tempo de comunicação interpessoal e interorganizacional, com base numa simultaneidade relacional sem fronteiras, o espaço passa a ter uma outra função identificadora. Vivemo-lo na coexistência de grupos populacionais com relativa homogeneidade em vários pontos do planeta sem que, no entanto, esta possa ser confundida com uma uniformidade generalizada.

Assumimos, assim, uma das características desta sociedade global, ou seja, a existência de uma certa forma de homogeneização vivencial que se estendeu, em maior ou menor grau, a todos os países, especialmente aos mais desenvolvidos. Tal não significa, no entanto, a consideração de uma total uniformidade ou mesmo o desconhecimento e minimização da importância dos diferentes grupos sociais e comunitários, pois a diversidade dos modos de vida é também uma realidade das sociedades complexas dos nossos dias.

Assim, além da desigualdade individual, inerente à singularidade de cada ser humano, é igualmente importante considerar a especificidade dos grupos de maior homogeneidade identitária – decorrente do habitat e dos processos de socialização que estão na génese da sua formação – ainda que estes estejam integrados numa sociedade aberta, igualitária e defensora da mobilidade social e territorial.

É neste contexto que se pode entender a vivência actual da açorianidade em vários territórios fisicamente bem distanciados. Alguns de nós estão integrados fisicamente na terra-mãe, onde no correr dos dias realizam a vida, sem esquecer os que partiram, enquanto que outros vivem a conjugação do espaço originário com o das sociedades onde optaram permanecer, nelas trabalhando, participando em eventos da mais variada natureza, gozando os momentos de descanso e lazer, partilhando com os familiares, amigos e vizinhos os rituais tradicionais e os hábitos da modernidade. Deseja-se que consolidem a unidade açoriana com os que permaneceram nos Açores ou com os que vivem em outras paragens e que afirmem igualmente a sua diversidade face a outros grupos de convivialidade presencial mais próxima.

Assim se justifica o aparecimento da ideia de reforço dos laços de união mas também de divulgação





através do aproveitamento integrador que as actuais alterações tecnológicas possibilitam – a criação de um Portal – o Portal Comunidades Açorianas.

Sem que estivesse em causa a dispensa do relacionamento pessoal, com tudo o que ele comporta no estreitamento do conhecimento e das amizades individuais e de grupo, propicia-se o aprofundamento dos saberes, mais ou menos especializados e, fundamentalmente, a possibilidade da sua ampliação a um público muito mais vasto – os Açorianos de todo o mundo, todo o mundo que se interessa, ou pode vir a interessar-se, pelos Açorianos e pelos Açores.

Tema falado e debatido em várias reuniões, quer se tratassem de Colóquios sobre a Emigração Açoriana, em geral, quer de Encontros sobre temáticas mais específicas da realidade vivida pelos Açorianos, o assunto foi ganhando paulatinamente consistência. Com vários intervenientes, grupos de trabalho e de reflexão, em ambiente presencial – nunca dispensável – foi uma construção partilhada ao longo de alguns anos, que fortaleceu relações de amizade e uma maior compreensão mútua da nossa unidade e da nossa diversidade açórica. O projecto fica concluído e é apresentado publicamente em Setembro de 2008.

Neste entusiasmo criador é justo sublinhar o papel dinamizador e organizativo da Direcção Regional das Comunidades, nomeadamente da então Directora Regional, Dr<sup>a</sup> Alzira Silva, que foi determinante na concretização deste objectivo. Foi o seu conhecimento, a sua capacidade de compreensão da Diáspora Açoriana, tanto quanto a sensibilidade na avaliação do que pode e deve ser a vivência da moderna contemporaneidade, bem como o carácter inovador que sempre colocou em todas as suas opções enquanto responsável pelas Políticas das Comunidades, que a levou a apresentar a muitos de nós este







desafio. Desafio ousado tanto quanto aliciante, que agarramos com gosto, mas que não seria possível realizar sem o seu apoio e do departamento que liderava. Mais, somos-lhe tributários da própria ideia de existência do Portal.

Hoje, é muito mais do que uma ideia ou um projecto em construção, é uma realidade. Realidade recém-nascida e em crescimento, acarinhada por todos os que contribuíram para o seu nascimento e também por outros que aos poucos a ela se juntam. Mas serão precisos mais, cada vez mais, para que se desenvolva e venha a cumprir o seu objectivo, o de unir todos os que desejam partilhar sentimentos e saberes sobre os Açores e os Açorianos.

Portal de natureza eminentemente científica, a sua organização baseia-se em áreas temáticas bastante diversificadas, que pretendem abranger o maior número de pessoas e de abordagens sobre os Açores e as suas várias Comunidades. Assim a importância da sistematização que considera: a História, a Geografia e a Economia; as Artes, a Cultura Visual e o Património; a Língua, a Literatura e a Comunicação Social; mas também a Natureza e o Ambiente; as Fontes Documentais e a Bibliografia, com temas e apresentação especialmente apelativas para os mais novos, como é o caso do Espaço Jovem.

Todas estas áreas temáticas têm responsáveis representativos das principais comunidades açorianas no continente americano: a norte, do Canadá e dos EUA, neste caso tanto da costa este como oeste; a sul, do Brasil, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, mas também do Rio de Janeiro.

O Portal Comunidades Açorianas contempla dois órgãos fundamentais para o seu funcionamento que se quer criterioso e exigente: O Conselho Científico e o Conselho de Ética, embora só o primeiro se encontre já em pleno funcionamento.

De entre as competências do Conselho Científico destaca-se, além da definição das linhas gerais de orientação do Portal; as suas normas de publicação e avaliação do cumprimento do plano editorial do Portal; a aprovação da criação, alteração ou extinção das áreas temáticas; o estabelecimento dos critérios gerais de aceitação e integração da informação a ser disponibilizada no Portal; a promoção da divulgação do Portal e da pesquisa sobre os Açores e as Comunidades.

Na última reunião anual do Conselho Científico, regimentalmente estipulada, aprovou-se que esta se deveria realizar de forma rotativa nos espaços com maior representatividade de açorianos e ter associada um Colóquio que em si mesmo fosse elemento de aprofundamento do conhecimento da Comunidade que o acolhia. Assim poderia ser, simultaneamente, elemento agregador da Diáspora e divulgador da vivência da Açorianidade através do Portal, contando para tal com a participação dos residentes.

Com esta solução poder-se-ia vivenciar o equilíbrio no relacionamento entre as formas mais tradicionais, as presenciais, por um lado, e as mais inovadoras, as virtuais, por outro, captando tanto os mais e os menos jovens, como as diferentes gerações ou pessoas com interesses e competências distintas, ou seja, o maior número possível de todos os que compõem o nosso ser colectivo.

O Portal é uma construção de alguns, todos aqueles que puderem cumprir as normas habituais da cientificidade, mas pretende atingir todos, pelo menos um número bastante significativo de pessoas em todo o mundo, e espera-se que contribua de forma decisiva para a afirmação internacional dos Açores e da sua Diáspora.

**GILBERTA PAVÃO NUNES ROCHA**



# Azorean Network

Lingua / language



What it is the Azorean Network Site



How to search articles in this Site



How to participate in the community and publish articles in this Site



Know the Azores / Location of the Archipelago



FAQ / Frequent asked questions



Dear visitor, use the form below to search about Azorean culture around the world.

Help us to divulge the Azorean Network Site in the Internet, publishing banners that invite the visitors to know this website. Click and choose a banner of your preference



Governo dos Açores



Governo de Portugal

Search

OK

To search in:

Original texts  Translated texts

Advanced search

Search by authors



Site's Restricted Area.

Login :

Password :

OK

Forgot your password? Click here.  
I want to become author of the site.

© 2008-2009 www.azoreannetwork.com

[Home](#) | [What is Azorean Network Portal](#) | [How to search](#) | [How to participate](#) | [FAQ](#) | [Terms of Use](#)



## AZOREAN COMMUNITY WEBSITE

The website is scientific in nature and is organized into a variety of topics in order to cover the broadest number of people and viewpoints about the Azores and its various communities.

The rapid technological change the world has experienced significantly affects our daily lives at both a personal and a professional level. Individuals and organizations must constantly adjust to new ways of working and interacting, which, most of the time, is quite gratifying and stimulating.

Interpersonal and interorganizational communication has instantaneous and knows no physical boundaries – space takes on an entirely different meaning. We experience it in the co-existence of relatively homogeneous population groups in various locations around the world, although this should not be confused with widespread uniformity.

We realize that one of the characteristics of this global society is a certain tendency towards homogenization of experience, which has extended, to a greater or lesser degree, to all countries, especially those that are more developed. This does not mean, however, that we are seeing utter uniformity or even a lack of awareness or dismissal of the importance of different social and community groups. In fact, a rich variety of lifestyles is also a feature of the complex societies which we live in today.

In addition to the individual inequality that underlies the uniqueness of each human being, it is equally important to consider the specific characteristics of groups whose identity is more homogeneous – a homogeneity that arises from the shared habitat and socialization processes that underlie their creation – even when these groups are integrated into an open society based on equality and social and territorial mobility.

It is in this context that the experience of “azoreanity” in widely scattered regions of the world can be understood. Some of us are physically present in our homeland, where we live our daily lives, without forgetting those who have left, while others experience a fusion between the space they originally inhabited and the societies they have chosen to live in, where they work, participate in a variety of events, enjoying moments of relaxation and leisure, sharing traditional rituals and modern habits with their families, friends, and neighbors. It is our desire to forge an Azorean unity that encompasses those who have remained in the Azores and those who live in other parts of the world but who also affirm their Azorean identity in contrast with the other groups they live amongst.

Our rationale was to strengthen the ties that bind us and disseminate information by taking advantage of the integrative tools that modern technology has made available; thus, we have created a website - the *Portal Comunidades Açorianas* [Azorean Communities Website].

Without minimizing the value of personal relationships with all that they offer in bringing together knowledge and forging personal friendships and groups, the website will make it possible to expand





on more or less specialized knowledge and, most importantly, make it possible to offer this to a wider public – Azoreans all over the world, and any and all who are interested in, or may become interested in, the Azoreans and the Azores.

This topic was discussed and debated in various meetings, both in general during the Colloquia on Azorean emigration and in meetings on more specific topics relating to the Azorean experience. Throughout these encounters, the idea slowly took shape. Through the efforts of many people, in face-to-face (indispensable) working groups and reflection sessions, a shared vision took form over the course of several years, which strengthened ties of friendship and mutual understanding of our oneness and our Azorean diversity. The plan was completed and presented to the public in September of 2008.

We must give credit in this creative endeavor to the enthusiastic role played by the Regional Department for the Communities in promoting and organizing the effort, and Dr. Alzira Silva in particular, who was key to our achieving this objective. It was her knowledge and her ability to understand the Azorean Diaspora, as much as her wisdom in assessing what could and should be modern contemporary experience, as well as the innovative quality apparent in all the decisions she made while in charge of Community Policies, which led her to present this challenge to many of us. It was a challenge that was as daring as it was enticing, one that we took up with gusto, but also one we would never have been able to meet without her support and that of the department she headed. We pay her tribute for the very existence of the website.

Today it is much more than an idea or a project underway; it has become a reality. A reality in its infancy, but one that is growing, cherished by all who contributed to its birth and by others who have



joined in along the way. But more will be needed for the project to progress and fulfill its objective – that of uniting all of those who dream of sharing feelings and knowledge about the Azores and Azoreans.

The website is scientific in nature and is organized into a variety of topics in order to cover the broadest number of people and viewpoints about the Azores and its various communities. It is therefore important to take a systematic approach that covers: History, Geography and Economics; the Arts, Visual Culture and Artistic Heritage; Language, Literature and the Media, as well as Nature and the Environment; Documentary Sources and References, and topics and presentations designed to appeal to young people, as in the case of the *Espaço Jovem* (Young People's Corner).

All of these thematic areas have contributing representatives from the larger Azorean communities in the Americas: from Canada and the US in the north (the latter has representatives from both the east and west coasts); and from Brazil (from Santa Catarina and Rio Grande do Sul, and from Rio de Janeiro).

The Azorean Communities Website relies on two fundamental bodies to ensure it functions according to strict criteria: The Scientific Review Board and the Ethics Review Board, although only the former is currently fully functioning.

The Scientific Review Board is responsible for establishing overall guidelines for the website; establishing the rules for publication and review to ensure that content complies with the website's editorial plan; approving the creation, modification or elimination of topic areas; establishing overall criteria for accepting and integrating the information to be made available on the website; and promoting and encouraging use of the website for research on the Azores and Azorean communities, among other responsibilities.

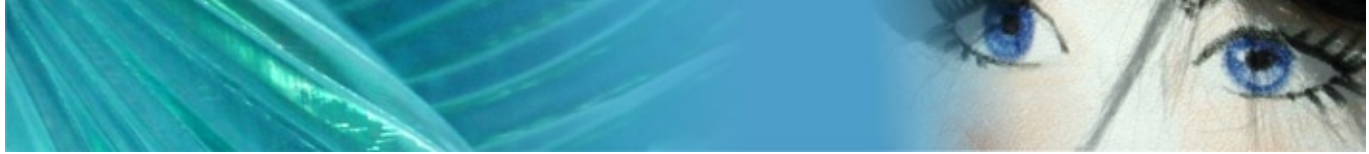
At the last annual meeting of the Scientific Review Board, which is stipulated in the regulations, members decided that the Board would meet, on a rotating basis, in the areas where more Azoreans live and that a colloquium would also be held to heighten awareness among the host community. The initiative would thus serve, simultaneously, to unite the Diaspora and share information on the Azorean experience on the website where residents of the community would participate.

This solution would strike a balance in the relationship between more traditional forms of participation on the one hand and more innovative, virtual forms on the other. It would thus capture the interest of both older and younger people, cutting across generations, and engage people with diverse interests and skills. In other words, it would include the greatest number of people who constitute our collective universe.

The website is designed for all those who can meet the usual criteria for scientific rigor, but it aims to be accessible to all, or at least a significant number of people around the world. Ultimately, our hope is that the website will make a decisive contribution to international recognition of the Azores and the Azorean Diaspora.

**GILBERTA PAVÃO NUNES ROCHA**





## EMIGRANTES, IMIGRANTES E MERCADO DE TRABALHO

Durante largos anos, constituiu motivo de estranheza, para muitos dos açorianos que resistiram à emigração e permaneceram nos Açores, o facto de familiares, amigos ou antigos colegas na condição de emigrantes, relatarem a vulnerabilidade laboral a que estavam sujeitos na sociedade de acolhimento.

Tanto no quadro da investigação científica como no do exercício jornalístico, ou até mesmo no campo literário, não deixaria de ser interessante confrontar, hoje, a experiência migratória da generalidade dos emigrantes açorianos (sobretudo os das primeiras vagas) com a dos cidadãos estrangeiros que, por motivos de trabalho, residem, há mais ou menos tempo, nos Açores. De entre as várias dimensões em que se tornaria possível levar a cabo tal exercício, a que se refere à actividade e ao estatuto socio-profissional dos imigrantes é, sem dúvida, uma das que apresenta maiores potencialidades comparativas. Neste domínio, se é verdade que se colocam diferenças inevitáveis entre as principais correntes emigratórias com origem no Arquipélago e os novos fluxos migratórios para os Açores, que emergiram no final da década de noventa, não deixarão de ser identificáveis pontos comuns aos dois fenómenos.

O tempo não conseguiu alterar o facto de, por exemplo, continuarem a ser as actividades e profis-





sões menos qualificadas e, por conseguinte, associadas a um menor valor social, as que melhor servem para acolher os chamados migrantes laborais. Isto apesar de uma percentagem significativa dos estrangeiros a residir actualmente na Região ser detentora de um grau de instrução e de um nível de qualificação profissional, na origem, muito acima dos da média da população activa açoriana e, como facilmente se percebe, nada comparável à da esmagadora maioria dos emigrantes açorianos do passado. Apesar, também, de os Açores, no quadro imigratório que o caracteriza de há cerca de uma década a esta parte, continuarem a apresentar-se como um contexto de acolhimento completamente distinto daqueles com que se defrontaram esses emigrantes, e dentro dos quais os processos de modernização social e económica da época viram na imigração a chave para a necessidade de substituição de trabalhadores nos ramos de actividade menos qualificados.

Com uma realidade económica caracterizada por um mercado de trabalho bastante homogéneo do ponto de vista das especializações e inexpressivamente internacionalizado, os Açores só muito pontualmente é que, ao longo de cerca de dez anos consecutivos, acolheram activos estrangeiros para o desempenho de profissões exigentes em termos de qualificações. O estudo realizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores, sobre o fenómeno da imigração nas principais ilhas do Arquipélago, revelou, em 2004, que quase 55,0% dos imigrantes eram “trabalhadores não qualificados”, estando cerca de  $\frac{3}{4}$  dos mesmos empregados no sector da Construção Civil. Por outro lado, se àquele quantitativo somássemos os imigrantes classificáveis nas categorias de “operários, artífices e similares” e “pessoal dos serviços e vendedores”, verificaríamos que à volta de 78,0% desempenhavam, na altura, profissões que, na sua maioria, não dependem de níveis de qualificação elevados. Mesmo encontrando-se representados em ramos como os do Comércio, Hotéis e Restauração e Outros Serviços, facilmente se conclua que a maior parte desses imigrantes exerciam actividades que costumam nivelar por baixo, quer do ponto de vista das qualificações e remunerações, quer ao nível da respectiva valorização social.

Outro vector, dentro da relação dos imigrantes com o mercado de trabalho, em que se tornaria possível estabelecer alguma analogia entre a experiência dos emigrantes açorianos nas sociedades de acolhimento e a dos trabalhadores estrangeiros que, nos últimos anos se fixaram na Região, prende-se com o aspecto da precariedade laboral. Durante largos anos, constituiu motivo de estranheza, para muitos dos açorianos que resistiram à emigração e permaneceram nos Açores, o facto de familiares, amigos ou antigos colegas na condição de emigrantes, relatarem a vulnerabilidade laboral a que estavam sujeitos na sociedade de acolhimento. As consequências nefastas que derivariam para o emigrante do não cumprimento de um horário de trabalho diário medido, nas suas interrupções, ao minuto, ou o simples termo *layoff* faziam parte de uma realidade estranha e geograficamente longínqua daquela em que viveram muitos açorianos até há pouco tempo. Hoje, essa realidade está cada vez mais próxima de os atingir e nem sequer é inédita em sectores específicos do mercado de trabalho regional, designadamente naqueles que, mais directamente, são responsáveis pela absorção de mão-de-obra imigrante.

A precariedade laboral, se entendida como resultando, entre outros factores, da total ausência de

(...) não deixa de ser curioso pensar no enriquecimento de perspectivas que, a este nível, resultaria da confrontação das experiências dos emigrantes açorianos pertencentes à primeira geração com as dos imigrantes actualmente fixados nos Açores.

uma contratação individual de trabalho ou do estabelecimento do seu termo a curto prazo, abrangia, há cinco anos e segundo o estudo atrás citado, cerca de 60,0% dos imigrantes empregados, sendo que, destes, 16,0% não detinham qualquer tipo de contrato. No geral, os homens tendiam a beneficiar de uma

maior segurança no emprego, contrastando com as consideráveis percentagens de mulheres – espelho daquilo que, não raras vezes, se passou no seio de muitas famílias açorianas que emigraram – que, por um lado, não possuíam qualquer contrato com a entidade empregadora (30,0%) e, por outro, não quiseram, deliberadamente, clarificar a sua situação (24,0% de “não respostas”), o que, neste último caso, deixava em aberto a possibilidade de o valor relativo à ausência de vínculo ser ainda superior ao obtido dentro do universo feminino.

Volvida quase uma década desde a altura em que os movimentos de entrada de população estrangeira nos Açores passaram a assumir características mais directamente categorizáveis no conceito de imigração, o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores tem em fase final de elaboração um novo estudo com o objectivo de dar a conhecer, entre outros aspectos, a evolução mais recente por que tem passado a situação socioprofissional dos imigrantes. Certamente que derivará daí conhecimento que, para além da sua pertinência científica, servirá a acção política, em matéria de imigração no Arquipélago, no curto e médio prazo.

Em todo o caso, não deixa de ser curioso pensar no enriquecimento de perspectivas que, a este nível, resultaria da confrontação das experiências dos emigrantes açorianos pertencentes à primeira geração com as dos imigrantes actualmente fixados nos Açores. Na teia complexa de percursos individuais e familiares que o tempo e o espaço se encarregaram de tecer, é estranho imaginar, por exemplo, que alguns daqueles que chegaram à Região, após o sismo de 1998, falando crioulo, ucraniano, moldavo, russo ou “português do Brasil”, revolveram pedras e ergueram novas paredes sobre os alicerces de antigas casas daqueles que, um dia, partiram, definitivamente, em direcção aos Estados Unidos e ao Canadá, para aí encontrarem trabalho na construção civil. Caso estes últimos tomassem conhecimento de tal facto, não estariam longe de conseguir avaliar – e, sem dúvida, com um elevado grau de precisão – as condições, os proveitos, mas também os constrangimentos, intemporais e, nalguns casos, geograficamente transversais, que costumam ser impostos pelas migrações, em geral, e pela relação dos imigrantes com o mercado de trabalho, em particular.

**EDUARDO FERREIRA**

*(Centro de Estudos Sociais – Universidade dos Açores)*





## EMIGRANTS, IMMIGRANTS AND THE LABOR MARKET

Whether from the standpoint of scientific research or as an exercise in journalism, or even from a literary perspective, it is interesting to compare the migratory experience of Azorean emigrants in general (particularly the first waves) with that of foreigners who have fairly recently taken up residence in the Azores in pursuit of employment. There are a number of facets we could examine if we decided to carry out this exercise, but comparing the employment and the socio-occupational status of the immigrants would undoubtedly be among the most fruitful. In this regard, although it is true that there are fundamental differences between the major migratory waves originating in the Archipelago and the new migratory flow into the Azores that began in the late 1990s, the two phenomena still have points in common.

For example, time cannot change the fact that it is the least skilled work and jobs, i.e. those associated with a lower social value, that typically welcome migrant workers. This continues to be true despite the fact that the foreigners currently residing in the region have much higher academic and professional qualifications in their native countries than the average Azorean worker today and certainly nothing remotely like the level of education and skills of the overwhelming majority of Azorean emigrants in the past. Moreover, the picture of immigration that has emerged in the Azores over the past decade occurs in a completely different host context than that faced by earlier Azorean emigrants, who left at a time when the social and economic modernization saw immigration as the key to resolving the need to replace workers in less skilled jobs areas.

With an economy characterized by a relatively homogeneous job market from the standpoint of specialization and a negligible level of internationalization, the Azores has only been home to foreigners performing jobs requiring higher qualifications sporadically during approximately 10 consecutive years. A study carried out by the Center for Social Studies at the University of the Azores on the phenomenon of immigration on the main islands of the Archipelago found that in 2004 nearly 55.0% of the immigrants were “unskilled workers”, with approximately three-quarters of these employed in the construction industry. Moreover, if we add to that figure the immigrants classified as “factory workers, tradespeople and similar occupations” and “service personnel and salespeople”, we find that around 78.0% were engaged in occupations that for the most part do not require high levels of skill. Even when they were working in sectors such as trade, hotels and restaurants and other services, we can easily conclude that most of these immigrants work at jobs at the lower end of the spectrum in these sectors, both in terms of skills/qualifications and pay, and in terms of the respective social value assigned to them.

Another aspect of the relationship between immigrants and the labor market where we can see parallels between the Azorean emigrant experience and experience of recent immigrants to the region has to do with job insecurity. For many years, Azoreans who resisted emigration and stayed in the Azores were astonished at the stories told by family members, friends, and former colleagues of the job insecurity in their host communities. The disastrous consequences for the emigrant who did not complete a full day’s work, each break timed to the last minute, or the simple term *layoff* were part of a disturbing picture that was very alien to the reality many Azoreans experienced until quite recently. Today this reality comes ever closer to affecting us all and it is not unheard of in some sectors of the Azorean labor market, particularly those that are more likely to absorb foreign labor.

Approximately 60.0% of working immigrants found themselves in a situation of job insecurity if we take it to mean, among other factors, not having a regular employment contract or having only a short-term employment contract; of these, 16.0% had no contract at all. In general, men tended to



enjoy greater job security than women, among whom the percentages were higher – a mirror of what often happened in Azorean families who emigrated. Many women had no contract with their employer (30.0%) while others chose not to report their work situation (24.0% gave no answer). The latter case prompts the question of whether for women the relative value of not having a contract may be higher than that of having one.

Nearly a decade after foreign immigrants began to arrive in the Azores in sufficient numbers to exhibit characteristics that could be categorized more directly within the concept of immigration, the Centre for Social Studies at the University of the Azores is working on a new study which aims to examine how the socio-occupational situation of the immigrants has evolved. Information will no doubt come to light that will not only be of scientific interest but will also serve as the basis for both short term and medium term political action concerning immigration in the Archipelago.

In any case, it is rather enticing to think of the richer perspectives that will result from comparing the experiences of first generation Azorean emigrants with those of the immigrants currently residing in the Azores. In the complex web of pathways taken by individuals and families which time and space have interwoven, it is strange to imagine that some of those who arrived in the region after the 1998 earthquake speaking Creole, Ukrainian, Moldavian, Russian or Brazilian Portuguese have dug up stones and erected walls on the foundations of old houses that belonged to those who left for good for the United States or Canada to find work in the construction industry. If these emigrants only knew, they would likely come to a remarkably accurate assessment - not only of the conditions and the rewards that come with migration - but also of the eternal and sometimes geographically widespread constraints imposed by migration in general and the immigrant's relationship to the job market in particular.

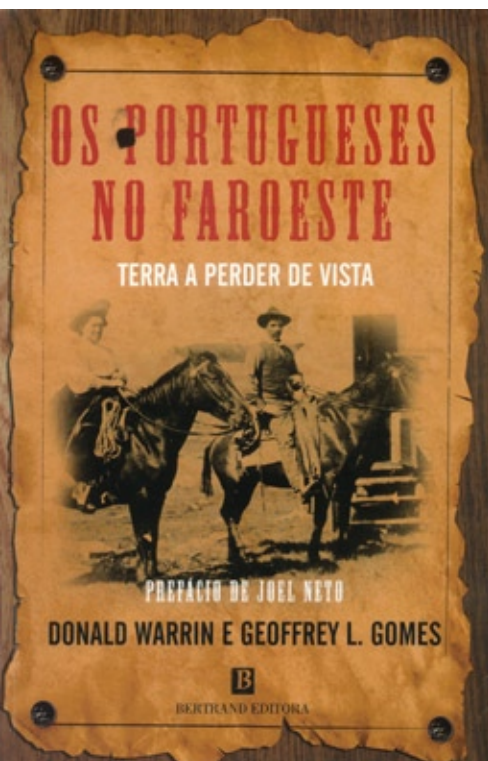
**EDUARDO FERREIRA**

*(Center for Social Studies – Universidade dos Açores)*





## COMO ESCREVEMOS O LIVRO «PORTUGUESES NO FAROESTE»\*



É curioso como acontecimentos ocorridos num passado muito distante são capazes de influenciar as nossas vidas. Tal foi o caso da inspiração para escrever, junto com Geoffrey L. Gomes, o livro *Portugueses no Faroeste: Terra a Perder de Vista*. Residia, na minha juventude, num subúrbio da cidade de Nova Iorque, junto com o irmão, e com os pais, avós e tios — pois nada de especial. Porém, a família costumava passar boa parte dos verões nas montanhas de “upstate”. Tínhamos lá uma cabana na floresta junto a um pequeno lago. E foi ali, à noite, sentados ao redor da lareira, que o meu avô, perante um conjunto de jovens, costumava soltar a sua imaginação, contando histórias fantásticas dos seus dias como “cowboy” no Texas. Havia a pequena que ele salvara dos trilhos de um trólei em San Antonio, a qual, aliás, era filha do comandante do forte local, e por tal acto heróico foi honorificado, ou melhor, o mexicano que conhecera num *saloon*, que fora mordido uma vez por um cascavel cujo veneno murchara um dos braços. Assim, ao sacudi-lo, ouviam-se os ossos a chocalhar lá dentro! Como se pode imaginar, essas e outras mais histórias fabulosas deixaram uma profunda impressão na mente do menino.

Anos mais tarde, vi sair uma colectânea de poesia de Alfred Lewis (*Aguarelas Florentinas e Outras Poesias*, red. Donald Warrin [Angra: Direcção dos Serviços de Emigração, 1986]), mais outra, em colaboração com o Prof. Dr. Eduardo Mayone Dias (*Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia* [Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, 1986]). Tratava, este, de versos compostos na Califórnia, no Nevada e no Oregon por emigrantes lusos. Ao coleccionar estas poesias (a maior parte encontradas enquanto eu procurava os versos dispersos de Lewis), aparecidas em vários jornais californianos de língua portuguesa ao longo de um século, fiquei impressionado pelas histórias pessoais desses indivíduos.

Mas, eu era professor de literatura, não de história — por isso, pouco mais pensei no assunto. Até que uma noite, em 1986, por ocasião do lançamento da colectânea de poesias de Alfred Lewis, ao entrar no teatro em Angra do Heroísmo para assistir a uma peça da autoria do Álvaro Oliveira, nesse momento, aproximou-se de mim o presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, o Dr. Francisco Maduro Dias. «O Sr. Professor», disse-me, «acaba de ser nomeado sócio correspondente do Instituto. Realiza-se, para o ano, um colóquio e sentir-nos-íamos muito honrados se o Sr. Prof. apresentasse uma comunicação». Então, tudo me apareceu num instante: o meu avô, o faroeste, a vida acidentada de alguns desses poetas que eu acabara de trazer à luz. Sem mesmo hesitar, respondi que sim, que havia de falar sobre a história dos imigrantes açorianos radicados nos lugares longínquos do faroeste.

Pois foi assim que me fiz historiador. E as histórias que começámos, eu e o Geoffrey, a ouvir das bocas dos descendentes desses pioneiros açorianos ressoaram nos nossos ouvidos quase tão incríveis como as da minha juventude.

Geoffrey procede:

É uma das curiosidades das investigações históricas que os dados mais importantes para o investigador são, às vezes, descobertos nos lugares menos esperados. Tal foi o caso dos nossos esforços para descobrir a história dos imigrantes portugueses no Velho Oeste. Pormenores da participação dos Portugueses no povoamento e desenvolvimento dos territórios fronteiriços americanos, às vezes conhecidos por historiadores da localidade ou especializados em campos específicos da história norte-americana, em geral não eram conhecidos pelas pessoas interessadas com a história dos Portugueses nos Estados Unidos. Exceptuando a emigração portuguesa para o estado de Illinois, quase não existiam investigações sobre a presença de imigrantes portugueses do século dezanove,

além dos focos tradicionais da Califórnia, Nova Inglaterra e o Havai. Isso só mudou na década de 80 quando, de forma independente, Donald Warrin e eu começamos a investigar a história dos Portugueses no Oeste, além do Rio Mississippi, quer dizer, do Velho Oeste das novelas e do cinema. Nessa altura, Donald já investigava a história dos mineiros, dos empregados nos caminhos de ferro e dos pastores de ovelhas, oriundos de Portugal, no Estado de Nevada, mais ou menos ao mesmo tempo que eu descobri um comerciante português de peles no actual Estado de Wyoming. Em breve, via-se que a comparticipação dos imigrantes portugueses na expansão americana para o Oeste era muito maior do que se julgava. Passados muitos anos, porém, a presença portuguesa ficou ocultada, até perdida. Faltando a imigração contínua, pequenas comunidades de pioneiros portugueses foram absorvidas por casamentos com não-portugueses e pela assimilação, em que os nomes foram frequentemente americanizados (ou confundidos com nomes espanhóis) e as suas origens lusas irreconhecíveis.

A tarefa de descobrir os pioneiros portugueses do Velho Oeste precisou de serviços de detective, do género de quem anda à procura de pessoas desaparecidas. Os dados do recenseamento decenal forneceram, muitas vezes, as primeiras indicações da presença de Portugueses numa localidade. Livros de histórias locais publicados nos fins do século XIX e nos princípios do século XX foram fontes valiosas, incluindo breves biografias de cidadãos notáveis, como também o foram as colecções microfilmadas de antigos jornais extintos. Autobiografias e diários, às vezes, foram úteis, tal como as bases de dados genealógicos acessíveis na Internet. Contudo, estas fontes eram muitas vezes insuficientes ou não existentes, um facto que nos obrigou a pesquisar os arquivos das sociedades históricas estatais e locais e doutras organizações em procura de dados. Mais de uma vez, os nossos esforços nos levaram a um beco sem saída. O essencial muitas vezes era achar e entrevistar os descendentes de pioneiros imigrantes. De vez em quando, foi possível entrevistá-los por telefone, mas a maior parte das entrevistas foram feitas directa e pessoalmente, o que frequentemente obrigou a viagens prolongadas. Donald encarregou-se desta tarefa. As suas peregrinações levaram-no aos estados de Oregon, Washington, Novo México, Wyoming e outros.

Quando nos encarregámos do projecto, esperávamos ingenuamente que as pesquisas durassem dois ou três anos e que produziríamos um pequeno livro. Aliás, as pesquisas e a composição do livro demoraram mais de uma década e consumiu quase todo o tempo que nos sobejava de outras responsabilidades. Quando acabámos (ou decidimos pôr termo), tínhamos juntado muitos dados e escrito um livro muito maior do que aquele que prevíamos. Esperamos que seja uma obra que contribua para uma compreensão mais exacta da experiência luso-americana.

**DONALD WARRIM & GEOFFREY L. GOMES**

---

\*Tradução dos autores

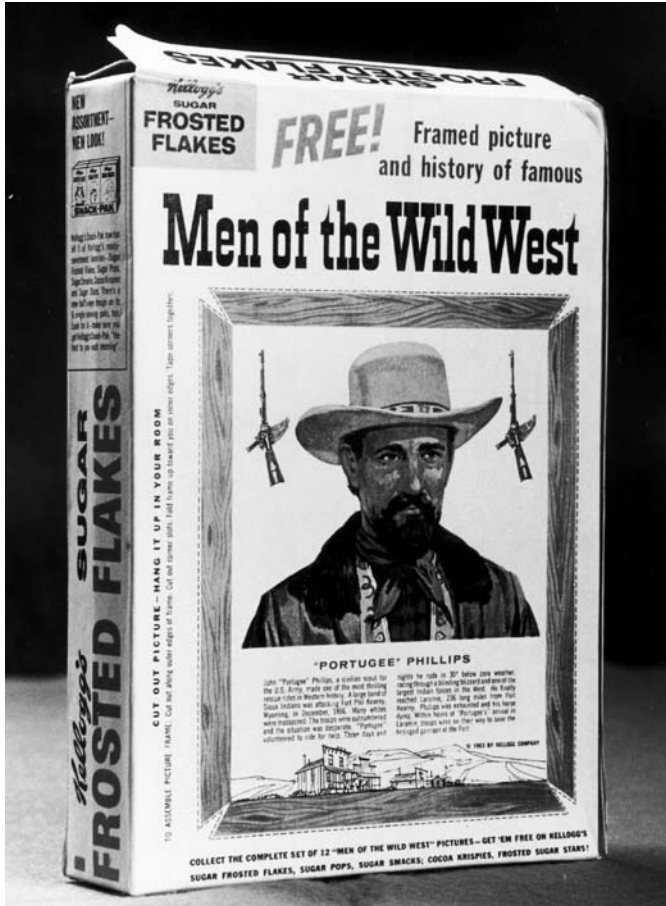


Loja de John A. Gomes, Golconda, Nevada, cerca de 1912.

O filho, George, conduzia o Cadillac de 1912 no transporte de passageiros entre Golconda e as minas.

*(Colecção John M. Gomes)*





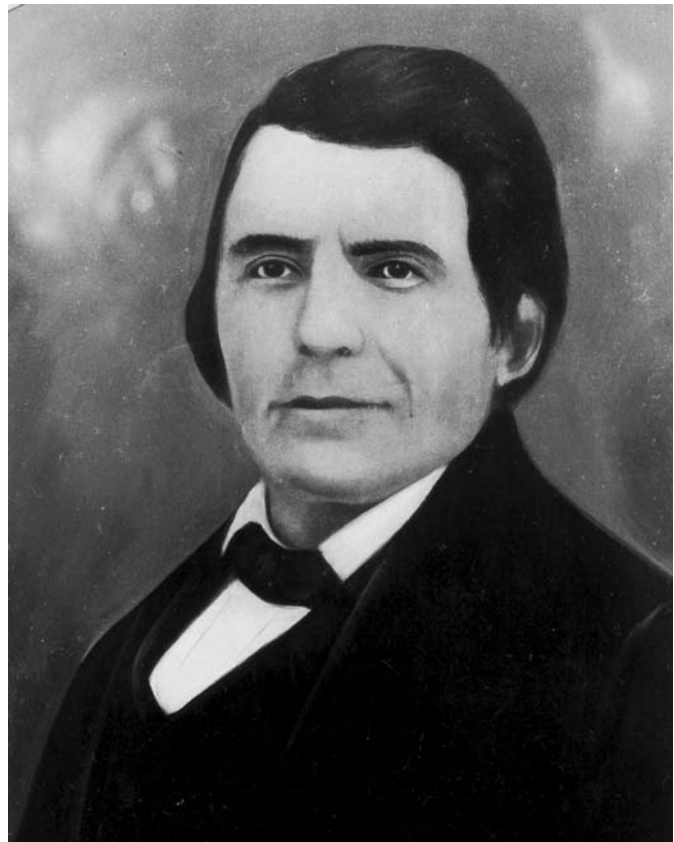
1



2



3



4



5



6

1. No princípio da década de 1960, John Phillips apareceu na colecção «Homens do Oeste Selvagem» incluída nas caixas de cereais Kellogg's, a par de Daniel Boone, Jim Bowie, Kit Carson, "Búfalo Bill" Cody, George Armstrong Custer, John C. Fremont, Pat Garret e Sam Houston. *The Kellogg Company*

2. Mamie Vey (1896-1988), filha de Antone e Mary Vey, no rancho da família, em Butter Creek, Oregon. De notar o charuto. *Colecção Marilyn Schiller*

3. Manuel S. Brazil (1850-1928). Natural da ilha de São Jorge, Açores, foi criador de gado no território do Novo México e no Texas. Em 1880, desempenhou papel de relevo no Novo México, na captura de Billy the Kid pelo xerife Pat Garret. *Colecção Armene Brazil Greene, Joseph Brazil e Albert Vieira.*

4. Peter Joseph (1814-1862). Na década de 1840, Joseph,

que nasceu nos Açores, na ilha de São Miguel, fixou residência em Taos, Novo México, onde veio a ser um abastado comerciante, amigo íntimo de Kit Carson. *Kit Carson Historic Museums, Taos, Novo México.*

5. Jessie Alameda Karstoft (1908-1992), com o seu mustangue *Badger*. Rancho de Joseph Alameda, perto de Walcott, condado de Carbon, Wyoming. Jessie adorava andar a cavalo e laçar animais. *Colecção Philip Karstoft*

6. Charles Peters, mineiro e pioneiro (1825-1921), natural da ilha do Faial, Açores, nas comemorações do Dia de Entrada na União, Exposição Pan-Pacífico, São Francisco, 9 de Setembro de 1915. De notar a pistola e a adaga. *San Francisco Chronicle*, 10 de Setembro de 1915.

(*Legendas retiradas do livro "Os Portugueses no Faroeste"*)



## HOW WE WROTE THE BOOK «LAND AS FAR AS THE EYE CAN SEE – PORTUGUESE IN THE OLD WEST»



It is strange how episodes in one's life that took place long ago are able to influence us much later. Such was the case of the inspiration to write, with Geoffrey L. Gomes, the book *Land As Far As the Eye Can See: Portuguese in the Old West*. I lived, in my youth, in a suburb of New York City, together with my parents, grandparents, and aunt and uncles—nothing out of the ordinary. But the family would spend a good part of each summer in the mountains of upstate New York. We had a cabin in the woods next to a small lake. And it was there at night, seated around the fireplace with a gathering of youngsters, that my grandfather would let loose his imagination, telling fantastic tales of his days as a cowboy in Texas. There was the little girl that he pulled from the trolley tracks in San Antonio, who just happened to be the daughter of the commandant of the local fort, and for which he was amply honored. An even better story was of the Mexican he met in a saloon who had been bitten by a rattlesnake whose venom had withered one of his arms, so that when he shook it you could hear the bones rattling inside!

Years later, two of my books were published almost simultaneously, a collection of the poetry of Alfred Lewis (*Aquarelas Florentinas e Outras Poesias* [Angra: Direcção dos Serviços de Emigração, 1986]), and another in collaboration with Prof. Eduardo Mayone Dias (*Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia* [Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, 1986]). This latter was an anthology of poetry written in California, Nevada, and Oregon by Portuguese immigrants. As I was collecting these poems (the majority of which had been found as I was seeking those of

Alfred Lewis), published in various Portuguese-language newspapers in California over the course of a century, I was impressed with the personal stories of these individuals.

But I was a professor of literature, not of history—and so I thought little more of this at the time. Until one night in 1986, on the occasion of the launching of the collection of Alfred Lewis's poetry, as I was entering the theatre in Angra do Heroísmo to see a play by Álamo Oliveira. At this moment the president of the Historical Institute of the Island of Terceira, Dr. Francisco Maduro Dias, approached me and announced, "You have been nominated as a corresponding member of the Institute. We are planning a colloquium for next year and would be honored to have you give a paper." In an instant everything came together: my grandfather, the Far West, the fascinating lives of some of the poets I had brought to light. Without hesitating, I answered that yes, I would speak of the story of these Azorean immigrants who settled in the remote regions of the Far West.

And so it was that I became an historian. And the stories that Geoffrey and I began to hear from the mouths of the descendants of the Azorean pioneers resonated in our ears almost as unbelievable as those of my youth.

Geoffrey continues:

It is one of the peculiarities of historical research that information of importance to the researcher is sometimes found where least expected. Such was often the case during our efforts to uncover the history of Portuguese immigrants in the Old West. Details of the participation of Portuguese in the settlement and development of the American frontier, while occasionally known to local historians or to specialists in narrow fields of American history, were generally unknown to those concerned specifically with the history of the Portuguese in the United States. With the exception of Portuguese immigration to Illinois, scarcely anyone had investigated the presence of Portuguese immigrants in the nineteenth century beyond the traditional geographical focal points of California, New England, and Hawaii. That changed in the 1980s when, independently of one another, Donald Warrin and I began researching



the history of Portuguese in the trans-Mississippi West, that is, the “Old West” of popular fiction and movies. Donald was working on the history of Portuguese miners, railroad men, and shearers in Nevada at about the same time that I uncovered a Portuguese fur trader in what is now Wyoming. It soon became apparent that the extent to which Portuguese immigrants had participated in the westward movement was far greater than either of us had imagined. Over the years, however, their presence had been obscured, even lost. Absent continuous new immigration, small communities of Portuguese pioneers were absorbed through intermarriage and assimilation, their surnames often Anglicized (or mistaken for Spanish) and their origins unrecognizable.

The task of uncovering Portuguese pioneers of the Old West involved considerable detective work—something akin to finding missing persons. Census records often provided the first clues to the presence of Portuguese immigrants in specific locales. Local histories published in the late nineteenth and early twentieth centuries and containing biographical sketches of prominent citizens were valuable sources, as were microfilmed collections of long defunct newspapers. Autobiographies and diaries also proved useful on occasion, as did genealogical databases available on the Internet. However, these sources were frequently insufficient or nonexistent, a fact that required us to delve into the archives of state and local historical societies and other organizations in search of data. More than once, our efforts led to dead ends. What proved critical on many occasions was finding and interviewing the descendants of immigrant pioneers. Sometimes it was possible to conduct interviews by telephone, but in most cases the interviews were conducted in person, which frequently required traveling considerable distances. Donald undertook this task, his peregrinations taking him to Oregon, Washington, New Mexico, Wyoming, and elsewhere.

When we undertook the project, we naively expected it would take two or three years to conduct the research and produce a small volume. Instead, the research and writing of the book took more than a decade and consumed virtually all the time we could spare from other responsibilities. By the time we finished (or decided to stop), we had accumulated much more data and written a much longer work than we had anticipated. It is, we hope, a work that has contributed to a more accurate understanding of the Portuguese-American experience.

**DONALD WARREN & GEOFFREY L. GOMES**



Albino Fernandes e a mulher, Consolação Deniz Fernandes, condado de Johnson, Wyoming, cerca de 1910.

*Colecção Angelina Deniz Ingraham.*



# algas sonhos transparências







Fotografia de Rui Melo





## Fado



“So, how is she, Barbara?”

“I can’t really tell. I am sure she doesn’t know who I am. She keeps treating me as if I was a stranger. Sometimes, I am not so sure.”

“Does she say anything about me or father?”

“Why would she say something about me? And even if she did, your sister would never tell.”

“Please father. Why wouldn’t I? The truth is that mom hasn’t mentioned you. She just keeps talking about swans, stopping the clock and how we are losing our recipes, our language...”

“And she is right, sister. We are Canadians after all.”

“No! We are Portuguese! That’s who we are! Don’t you ever forget that, Manuel! We are Portuguese.”

“Ok...ok! No need to get all upset, father.”

“So...swans? Your mother is talking about swans, now?”

“Father, stop with your sarcasm.”

“What? Can’t I talk? Well, I guess I should be used to it by now. Since I came here, I have to ask permission for everything. But right now, with your consent or not, I am going to tell you something: you have always listened to only one side of the story: Her side. And she made every effort to turn you all against me. She always played the victim.”

“For the love of God, father. How about us? Do you think we forgot?”

“Forgot? Forgot what? I worked hard all my life for you both and for her. It is true that I liked to drink a bit...”

“A bit...? Deixa-me rir, father.”

“Laugh all you want. Drinking was the only thing I had. I started drinking when I was 8 years old. My brothers and I had to mask hunger and keep warm. It was our fuel, the energy to keep us going. As an adult, it became my companion, my silent partner on those endless nights when I was alone at sea on my small boat, my “boca aberta“, I built with my own hands, while you were warm and cozy in your beds. But you wouldn’t know about that, would you? You wouldn’t because I vowed that you never would. But your mother... she should have understood.”

“Are you saying that she didn’t slave for us all, too? From home to work, from work straight home again to prepare the fish for your customers, arrange dinner, clean the house. How about here, in Canada? Rushing from one job to the other, cleaning, and caring for you, me and Manuel? Mom living afraid, lonely, unable to communicate in English, tortured every time she had to leave her children alone!”

“Your mother was a hard working woman, that’s true. But she didn’t understand me. She always wanted things her way.”

“But she never got her way, did she? She wanted to stay in Canada. But you said no. You couldn’t handle your freedom being stripped away from you. But you had no problems taking it away from her... with your fists.”

“Shut up. Don’t talk to me like that! I am still your father...and look at you...you didn’t get far, did you ...?”

“I know. I am a whore to you. Am I not? Do you think I forgot the day you called me a whore? I was just a young girl, full of dreams...! I just wanted to be like the other girls.”

“Stop you two! Barbara...pai...please.”

“Now I have to silence myself. Ao que eu havia de chegar... You both were constantly against me. I have always been the bad one. But you know nothing. Nothing! But I will tell you. She took everything from me. Tudo! But you don’t want to understand. You never did!”

# O lago



«From this narrow window, I can see a lady by the lake reading to a swan. She reads for hours hiding from the screeches of the city, while I reach for the sand, gray like back home, holding the dying heat from the lustrous star. I sink my soul into its vastness, searching for some true likeness. The swan is not listening anymore. He moves towards me spreading his wings. He stares in regal awe.

“Shall I tell you why I stop the clock?” I ask the swan.

He looks at the horizon in timeless bliss. At the far end of the lake, the reading lady is alone now, drinking every sentence in solitude, as she tears out page after page, wordlessly carried by the wintry waters to oblivion.

“Will you excuse me? I have to stop the clock now. “

He doesn't understand why I stop the clock. He never did. But in the end he will. So will you. For now, I can just tell you that I stop the clock to make sure that the moment remains pure.

Why, you may ask? Because, I have to keep on guard. But for now, it's enough that you bear in mind that nothing more needs to be, except the time to guarantee, I can escape.

Since I was forcibly moved here from my home, I watch the swans through this narrow window. As you can see, I am of no age to stroll by the lakeshore to watch the swans. And they know, so they come to me. As do the city seagulls, who one day will reclaim a forgotten ancestry and guide the prow of some lost caravel. They come to cry on my bosom, and together we mourn a silent burden. A burden that springs from a vanished language: a grotesque hidden malaise.

But do come in! You don't have to be afraid. Are you tired? You look tired. It's the city, with its harsh cold whispers. You shouldn't listen to it. Don't let it possess you, engulf you, enslave you.

I am sorry. Where was I? I keep losing myself. That's why they put me here. They were afraid I could forget my way home. But they are so wrong. Come close to me. I want to tell you about that day. The day small people talked and sang from within my grandfather's old radio. It was the day I was young, and we gathered for a picnic on the shore. The street stretched wide, yards of open arms holding the morning ocean breeze, gently delivered by the motion of the tides. Songs erupted from one end to the other, as we laughed, danced, and ran. Our joy reached far beyond the limits of that journey. Like beads of a rosary, we weaved eternity in one single journey.

The morning traffic of horse wagons, carrying the milk pitchers from the day's first milking, had long ceased. We took ownership of the street and reigned fearlessly along the mighty stretch of asphalt that separated the ocean from our village. On that Saturday, we were forced to break the human chain, to give way to the old German bus, on its journey to town. Filled with young men eager to watch the latest American movie, the bus roared like a tired Goliath, grasping for breath, to conquer the steep hill. Hanging from the Lilliputian windows, the boys blew kisses and smiles.

That was one of the few scheduled weekend buses connecting the rural community to the city. The same bus, my family took once a year, to bare witness to the holiness of the 'Santo Cristo'.

The yearly renewal of faith begun with Saturday mass, followed by a procession of penitence, made up of young and old women, carrying babies and wax candles weighting one's silent yoke, while scuffing their knees through the street, leaving bleeding skin on the lava pavement.

You look distraught, by this, my dear. But don't be. This is just one of the many religious traditions we brought to this



# O lago



country: the worship of a wooden copy of the 'Milagroso', you can see displayed, every year, through the streets of this foreign land. HE came in our luggage and so did our zeal to copy a three hundred year old script, onto the Canadian asphalt.

Back home, where my father's bones – God bless his soul - have long been blown by the cold north winds, we wore our best, often the white communion wardrobe to go to the city and witness the glory of 'Santo Cristo'. Nothing like the way these girls dress today, displaying so much contempt in the presence of God.

Forgive me. Here I am again drifting. Did I offer you tea? I am sorry for not doing so. That was very impolite of me. My husband wouldn't have liked it, I am sure. He would stare at me, as if I was the most stupid woman in the world. But you don't have to worry. He is not here now, and I have stopped the clock.

You know, if I wanted, the swans could come again, today. But they will not. They never come when I have guests in my house, and this is my house now and you are here. I present you my house: This is my window and my chair. That is my broom. They wanted to take it away, but I didn't let them. I need my broom to keep the place clean. Those are my few pots and pans. I don't have all of them, because they won't give me permission to cook. They say I could hurt myself. And these are my clothes and shoes. I have had lots of shoes in my life. I mean: I did have many of them at one time. I got my first pair of shoes for my first communion. Because money was scarce, we had to buy oversized shoes, so they could be worn for a few years. To make them fit, my father made insoles, cut from cardboard boxes. But with the heat and sweat, the insoles would disintegrate into wet stinky crumbs, flying with each step. It was very embarrassing and sad. It was poverty.

All of my shoes lasted for many years. Now, I am back to one pair. I don't use them as much anymore, because I don't like to have my feet constrained. Besides, the street hurts me, so I just stay home with bare feet. I don't walk much anyway, and soon I will not need them at all.

Do you like green tea? I like green tea now. Is that ok with you? Or would you prefer coffee? Tea is best for you. Here it is...warm and reassuring. When I was young, 'chá preto' with milk and sugar was a woman's favourite drink. We also sipped some home made liqueurs. I truly enjoyed black berry and grape liqueur, but my true love was for 'vinho abafado'. They don't make 'vinho abafado' as they used to, anymore. People are losing their recipes. Recipes make us special. We had recipes for liqueurs, deserts, pork and blood sausages, bread and cheese. Today, they mix up everything, and they sell our recipes as being "authentic". These young Portuguese people can't even make a decent 'sopa de feijão'. Everything is from cans. You need to cook from scratch, using dry beans, soaked over night, and broiled with traditional greens, potato and some pork or 'chouriço'. My mother always used some pork. She knew I loved it. I particularly liked skin and ears. I suppose it makes you uncomfortable to think that someone would eat the skin and ears of a pig. You should try it sometime? I will prepare some real bean soup with pork for you someday. The real thing, my dear. We, the elders, hold the secrets, but there are not enough ears to listen.

Today, there is no time. Our children's lives are roller coasters and nothing tastes the way it used to. We are dying. Our recipes are dying. And so is our language. Here, no one speaks my language. It makes me feel very lonely. I like when you come, because you understand.

Oh, I am sorry. Am I bothering you again with my stupid conversation? He used to tell me to shut up all the time, because '*nothing smart can come out of your mouth*'. At first it hurt me, but after a few years, I began to believe that I was truly stupid. But that was not what hurt me the most. Not even the pain of his blows to my face, while protecting my children from his raging hands, or the defamatory remarks and the daily labour. What hurt me the most was when

# O lago



he forbade me to sing. And now I can't sing anymore. I used to sing every day, all around the house. My father always said, that I had the voice of a nightingale. I could have been a 'fado'. At times, I remember that fondly...

'Oh José aperta o laço  
Oh José aperta-o bem...'

I am old these days. I think I have some kind of old age disease. My brain is not what it used to be. That is not a bad thing. It's easy to forget now and forgetting is soothing. That is why I can't remember how the song ends. I used to be a smart girl, when I was young. But now I am stupid. My head feels light and strange. I guess my brain is shrinking and some things just don't stay there anymore. Others may have flown away, like the seagulls, trying to find their way back to the sea. »

Outside there are no piers or men auctioning the fruits of the sea, just ghosts echoing through the abundant tree branches, caressed by a soft fall afternoon glaze. Anonymous paddles lay beneath the once clean waters of Lake Ontario. He could hear the silent motion of gone canoes and of salmon fighting the Humber River. When he was a child, he caught shrimp with his hands, while laughing dauphins safeguarded his father's vessel. As a young man, the Atlantic was fertile and fish jumped into his nets. Everything had been spoken, now. It was all gone, rewritten and his children were forgetting and unforgiving, in a land that never warmed up to him.

When he approached the house the windows were wide open. The curtains were dancing. The cat slept in the shade and a sound of boiling supper filled the pathway...

'Oh José aperta o laço  
Oh José aperta-o bem...'

**HUMBERTA ARAÚJO**





## JOEL FURTADO – ARTISTA PLÁSTICO

Tal como a maioria das crianças, cresci a ler banda desenhada e a ver desenhos animados. À medida que os anos foram passando, comecei a interessar-me seriamente por ambas essas formas de expressão e escolhi uma carreira no campo das artes. Fundi estes interesses tirando um curso de animação no Emily Carr Institute of Art and Design.

Tenho experiência de trabalhar com muitos métodos diferentes de animação, incluindo desenho manual, recorte, marionetas, stop motion, pintura sobre vidro e 3D. Mais recentemente, os meus projectos de animação têm-se concentrado principalmente na área digital. Desde que concluí o curso, tenho estado a trabalhar há quatro anos no sector dos jogos de vídeo. Na Electronic Arts trabalhei em jogos como o Need for Speed e o Skate. Ultimamente, tenho estado a trabalhar com a Microsoft em projectos para a sua Xbox 360.

Fui influenciado por criadores de desenhos animados internacionais, autores de banda desenhada, artistas clássicos e músicos. Gosto de experimentar diferentes meios e técnicas ao criar desenhos animados e imagens estáticas. Espero poder vir a utilizar estas competências no campo da Direcção de Arte.

Acredito que a animação e a arte bem conseguidas levam ao limite a imaginação e o meio de expressão utilizado. Nas minhas actividades de design e de direcção de arte procuro fazê-lo e espero continuar a fazê-lo na prática.

O meu pai nasceu e cresceu em São Miguel e mudou-se para o Canadá com a sua família quando era adolescente. A minha mãe também é portuguesa, mas nasceu e cresceu em Lisboa. O meu irmão e eu nascemos ambos no Canadá, mas a minha família continua a ter muitos parentes em Portugal, tanto do lado do meu pai como da minha mãe.

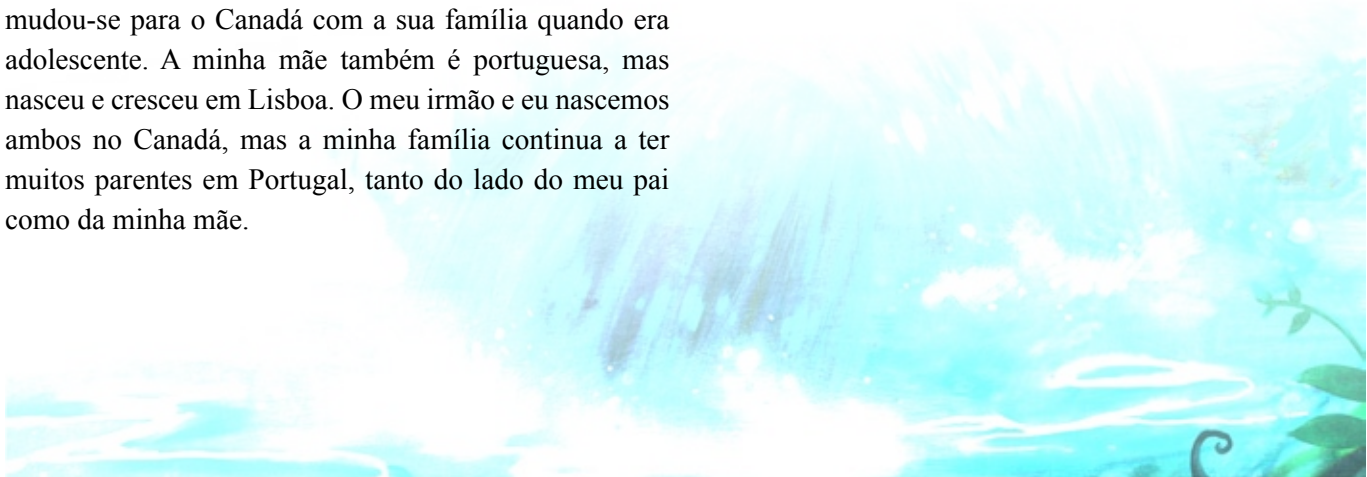
Like most young kids I grew up reading comics and watching cartoons. As I got older I developed a serious interest in both and pursued a career in the arts. I fused these interests by completing a degree at the Emily Carr Institute of Art and Design with a major in animation.

I have experience in working with many different animation forms including hand drawn, cut-out, puppet, stop motion, paint on glass, and 3D. Most recently, my animated projects have been focused mainly in the digital realm. After finishing school, I have worked for the past four years in the video game industry. At Electronic Arts I worked on titles such as Need for Speed and Skate. More recently I have been working with Microsoft on projects for their Xbox 360.

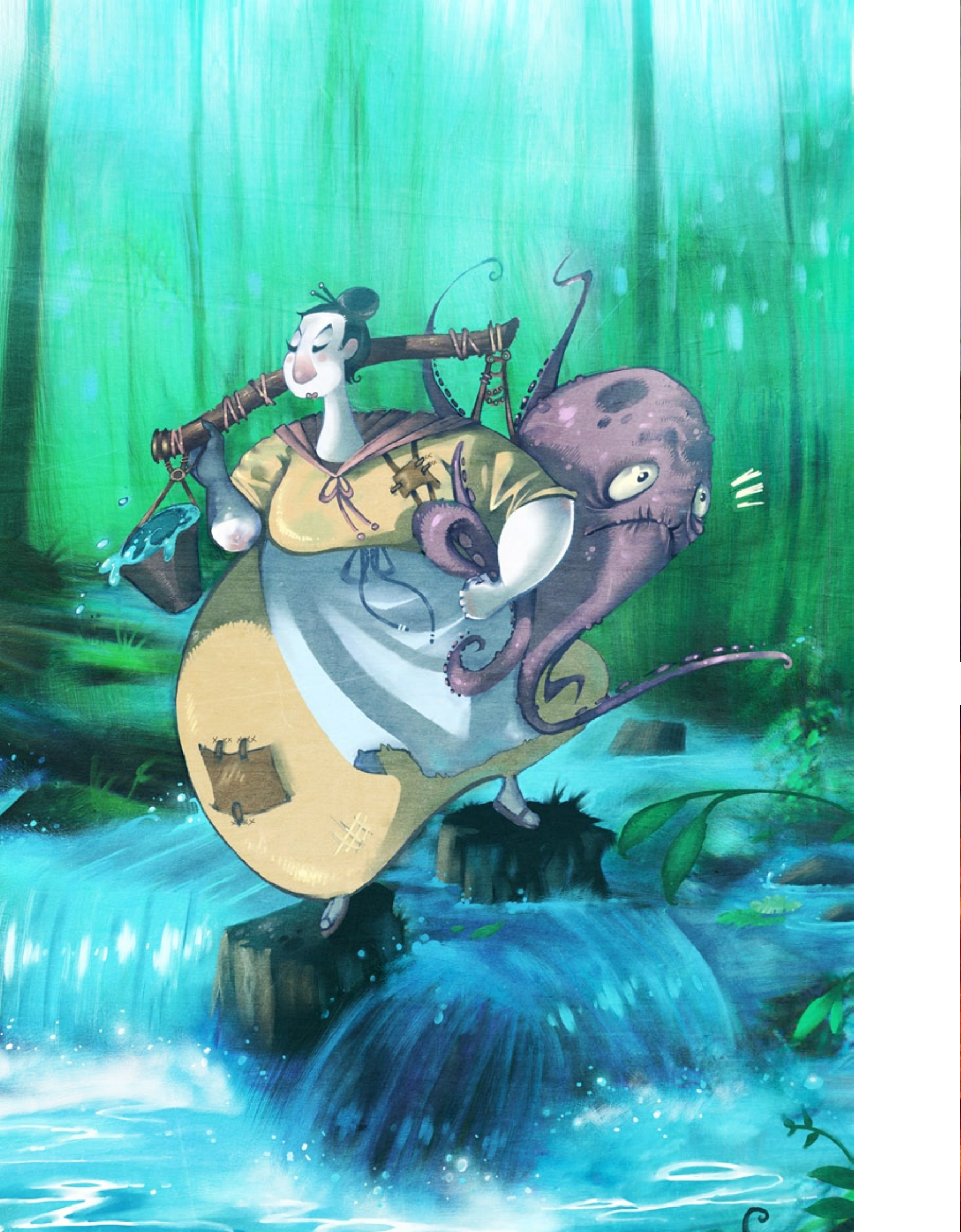
My influences include international animators, comic artists, classical artists as well as musicians. I like to experiment with mediums and techniques when creating animation and still images. I hope to eventually be able to use these skills in the field of Art Direction.

I believe successful animation and art push the boundaries of the imagination and the medium. In both my design and art direction I strive to achieve this and hope to continue doing so in my practice.

My father was born and raised on Sao Miguel, and moved to Canada with his family as a teenager. My mother is also Portuguese, but she was born and raised in Lisbon. My brother and I were both born in Canada, but my family still has many relatives in Portugal on both sides.





















## JOSÉ LUÍS DA SILVA – POETA

José Luis da Silva nasceu na ilha de S. Miguel – Açores. cedo, deixou a ilha do arcanjo e, na Califórnia, formou-se em Francês, Português e Espanhol, com um mestrado em Francês. Há mais de três décadas que é professor de língua e cultura portuguesas numa escola do ensino secundário na cidade de S. José. Tem sido colaborador de várias organizações de índole cultural e educacional neste estado norte-americano.

Porque como disse Pablo Picasso, “*só a arte pode varrer o pó que a repetição do quotidiano nos coloca na alma*”, José Luís da Silva tem-se dedicado à poesia. Recentemente, (Novembro de 2008), publicou, com a chancela da Portuguese Heritage Publications, o seu primeiro livro de poesia: *Cântico do Silêncio*. Neste livro, reúnem-se poemas escritos ao longo de três décadas, os quais reflectem, no mais complexo e no mais íntimo, uma vida interligada com todos os seus mundos, sem nunca desprezar, ou arrumar no baú do esquecimento, nenhum desses mundos.

Os poemas incluídos em *Cântico do Silêncio*, captam as múltiplas flutuações da nossa emigração para o Eldorado americano, enfrentam uma América nem sempre musa da liberdade e reflectem sobre as vivências dum professor da língua e cultura portuguesas a ensinar quem nem sempre quer aprender a língua dos seus antepassados.

Miguel Torga, no seu diário a 14 de Maio de 1985, escreveu: “um escritor se é autêntico, se é fiel ao temperamento, muda de caneta mas não muda de tinta... escreve com o próprio sangue.” Essa tem sido a vida e a escrita de José Luís da Silva. ● DB

José Luís da Silva was born in the island of S. Miguel in the Azores. Early in life he left the island of the archangel and in California he did his university studies, namely in French, Portuguese and Spanish, with a Master of Arts in French.

For the last three decades he has been a Portuguese language and culture secondary high school teacher at San Jose Academy High School in San Jose, California. He has collaborated with various Portuguese-American organizations in the state of California.

Because as Pablo Picasso once said: “only art washes away from the soul the dust of everyday life”, José Luís da Silva has dedicated many hours to writing poetry. In November of 2008, through Portuguese Heritage Publications, he published a collection of poetry entitled: *Cântico do Silêncio*. In this book he has collected a wide variety of poems written within the last three decades, many of them reflecting within the most complex and the most intimate, a life that intertwines many worlds, without disregarding, or placing in a forgetful trunk, any of those worlds. The poems in *Cântico do Silêncio*, capture the multiple fluctuations of the Azorean emigration to the American El Dorado, they confront an America, that hasn't always been the muse of liberty and they reflect upon his experiences as a Portuguese language and culture instructor, teaching those who many times don't want to learn the language of their ancestors.

The famous Portuguese writer of the 20<sup>th</sup> century Miguel Torga, on an entry posted to his diary on May 14<sup>th</sup> of 1985, wrote: “a writer, if he is to be authentic, and faithful to himself, may change pens but doesn't change the ink...he writes with his own blood”.

Such has been the life and the writings of José Luís da Silva. ● DB



## Peregrinações

### No Silicon Valley

Os nomes se apagam  
Por esta terra sem trilhos  
Sem memória  
Desfeitos nas ondas calvas  
Das colinas douradas  
Lindas colinas calmas  
Que emolduram o lago  
De águas paradas  
De areias lisas  
Sem histórias antigas  
Sem rastros de famílias  
Sem casas de pedra  
Exigindo heranças  
Lutas por um chão  
E por um muro  
Por um limite que abranja o sonho  
De ficar plantado  
No centro do tempo  
No fio do pensamento  
Viscoso  
Latente  
Que nos une  
Desde os primórdios do nada  
Ao vício das margens do sempre.

*A que ela, dando um grito e levantando  
as mãos para o Céu disse alto:  
- Padre Nosso que estás nos Céos,  
santificado seja o teu nome...  
E isso disse-o na linguagem portuguesa.  
E tornando logo a falar chim,  
como que não sabia mais do Português  
que estas palavras...*

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*,  
cap.XCI

A língua que escrevo  
É a língua que ensino  
Nesta terra tão longe da pátria  
Que não tenho.

Fernão Mendes Pinto  
Encontrou a pátria  
Num padre-nosso de língua  
E voltou para contar.

Eu conto a língua  
Num padre-nosso de pátria  
Que não volta.



## Essa casa

Essa  
casa  
distante  
pedra  
a  
pedra

sobrado e janela

pesando nos seios

batendo de baque na terra

Deixa uma lágrima contida  
quando se nega ao desejo  
Quando abriga da chuva  
sabendo que não chove...

## De tudo a pedra...

De tudo a pedra não sente mas eu  
Num instante alcanço o sopro da vida  
Sem morte – pedra – a vingança que tenho  
Na lâmina pendente que me incita

Da boca, dos olhos, de um ar – instante  
Por si vale a vida como ela for  
Por ti nascia sabendo que a morte  
Truncados nos faz absurdos de nós

Sorriso que cobre as gretas da alma  
Corpo que canta a vitória das flores  
Sem possuir-te celebro-te a glória  
Que a pedra não sente mas eu

## No meu quintal

No meu quintal  
Há a paz das águas  
Que choram de alegria  
A memória das fontes  
Tépidas do deserto

No meu quintal  
Existe a liberdade dos pássaros  
Que cantam, impávidos,  
O momento exacto e eterno  
Dos deuses

No meu quintal  
As laranjas rebentam de oiro  
Descansando na força do seu peso  
A prova manifesta  
Da sua serena existência

No meu quintal  
Há verdes de exóticas aventuras  
Agarrados ao doce ventre da terra  
– Madrasta cálida e bela –  
Que os gera sem pudor

No meu quintal  
Há também o grito deste sol pungente  
Branco lençol de festa  
Que se estende de ponta a ponta  
Irmanando a planta, a pedra e a pele...

A photograph of a window looking out onto a coastal scene. The window frame is dark, and the view outside shows a blue sea, a large rock formation, and a green hillside with some buildings. The text is overlaid on the image in red.

## **A window to the sea**

**If I had  
If only I had  
A window to the sea  
Instead of a square  
Within a square  
Within a square  
Surrounding me.**

**If I had  
If only I had  
A window to the sea  
So I could watch  
The rolling waves  
And hear the sea-gulls cry.  
If I had  
If only I had  
A window just for me.**

**If I had  
If only I had  
A window to the sea  
From where I could dream  
Beyond the horizons  
And follow  
The distant ships  
Moving  
Silently...**

**If I had  
If only I had  
A window  
Just to be.**







